

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**LUIS GUSTAVO RIOS**

**AGROECOLOGIA EM VERÊ PR: SUSTENTABILIDADE E (RE)EXISTÊNCIA**

**PATO BRANCO**

**2023**

**LUIS GUSTAVO RIOS**

**AGROECOLOGIA EM VERÊ PR: SUSTENTABILIDADE E (RE)EXISTÊNCIA**

**Agroecology in Verê - PR: sustainability and re(existence)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, no Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique de Oliveira  
Coorientadora: Profa. Dra. Hieda Pagliosa Corona

**PATO BRANCO**

**2023**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Atribuição – Uso Não Comercial (CC BY-NC) - Permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra licenciada, sendo vedado o uso com fins comerciais. As novas obras devem conter menção ao autor nos créditos e também não podem ser usadas com fins comerciais. Porém as obras derivadas não precisam ser licenciadas sob os mesmos termos desta licença.

03/07/2023, 11:17



**Ministério da Educação  
Universidade  
Tecnológica Federal do  
ParanáCampus Pato  
Branco**



LUIS GUSTAVO RIOS

**AGROECOLOGIA EM VERÊ PR: SUSTENTABILIDADE  
E (RE)EXISTÊNCIA**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável.

Data de aprovação: 03 de  
Abril de 2023

Dr. Paulo Henrique De Oliveira, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Cristiane Maria Tonetto Godoy, Doutorado - Universidade Tecnológica

Federal do Paraná (Utfpr)Dr. Wilson Itamar Godoy, Doutorado - Universidade

Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 03/07/2023.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no qual me especializei nesses dois anos. Agradeço aos professores e funcionários do programa.

Agradeço aos meus orientadores, Dr. Paulo Henrique de Oliveira por aceitar essa temática que propus, e a Dra. Hieda Corona que me ajudou em muito a trilhar essa pesquisa.

Agradeço aos colegas, que nos momentos ruins estavam presentes para o apoio necessário, e em especial àqueles que estavam presentes nos momentos bons, A esses colegas, que nessa jornada se transformaram em amigos, agradeço em especial as amigas, Mary Hellen De Itoz Debastiani, Larisse Medeiros Goncalves e Luana dos Santos e ao amigo Brendo Henrique da Costa.

Agradeço ao meu amigo Rafael Baldin, com sua identidade única me apoiou diretamente nessa pesquisa. Agradeço a colega e amiga Cristiane M. Tonetto Godoy por todo seu apoio nessa pesquisa. E ao Carlos José de Barcelos Jr. E a Marina Koltz Watthier.

Agradeço à minha família, em especial ao meu pai Wilmar Rios, que deixou toda uma estrutura mental, emocional e material para que eu chegasse até esse momento. Agradeço imensamente a minha mãe Vera Lucia Zitkoski Rios, que sempre me apoiou. Agradeço aos meus irmãos Wilmar Rios Junior e a Chaiana Janaina Rios.

Agradeço e dedico essa Dissertação para à minha filha Aurora Rios. No dia do seu nascimento, quando sua mãe já se encontrava com as contrações para te trazer ao mundo, foi também o dia que me inscrevi na seleção do Mestrado do PPGDR. Você, minha filha, foi realmente os primeiros raios de luz que chegaram para clarear a minha vida. Sou grato!

Agradeço a humanidade e ao espírito humano que vive e viveu nesse planeta, fazendo com que uma carga de conhecimentos, reflexões e ideais chegassem a mim e assim pudesse compor essa pesquisa. E agradeço a mim mesmo, que em meio a muitas críticas persisti, que em socos não cai e que em desprezo aprendi a amar.

Aos agricultores, pelo compartilhamento de suas experiências e percepções do mundo, das quais esta pesquisa não seria possível.

Agradeço a CAPES, pelo auxílio financeiro ao longo desta jornada, que foi fundamental para elaboração desse trabalho (processo 88887.606330/2021-00).

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada".  
(STUART HALL, 2020)

## RESUMO

A presente pesquisa busca compreender como se constituem as identidades culturais dos agricultores/as agroecológicos do município de Verê – PR em processos de (re)existências. O município está localizado na região Sudoeste do estado do Paraná e possui um destaque na região nas questões agroecológicas, e nas instituições ligadas a esse fim. A agroecologia vem mostrando cada vez mais a sua importância em meio a diversas crises socioambientais modernas, e desempenhando um papel fundamental para um desenvolvimento sustentável aliada com o cuidado da natureza, da busca de alimentação saudável e de qualidade. Nesse sentido a pesquisa busca observar a relação da identidade cultural dos sujeitos que compõem a agroecologia no município de Verê – PR. Através de uma metodologia qualitativa, efetuando visitas nas propriedades identificadas como agroecológicas e entrevistas, com base em roteiro de questões abertas, com os produtores e dirigentes das instituições ligadas as questões agroecológicas no município. Compreendemos que os produtores e sujeitos ligados a agroecologia no município de Verê – PR se identificam de diferentes formas, apresentam diferentes maneiras de produzir e diferentes formas de compreender suas realidades. Mas mesmo em suas diferenças individuais de suas identificações, apresentam em seus trabalhos uma unidade, seja através das instituições (CAPA e COOPERVEREDA), na comercialização de seus produtos e principalmente no cuidado da natureza e na produção de alimentos saudáveis. Compreendemos o início de uma formação de uma identidade cultural, que apresenta características que os tornam uma (re)existência ao modo convencional de produção agrícola, identidade cultural que se forma em torno das questões agroecológicas.

Palavras-chave: Agroecologia; Identidade Cultural; (re)existências.

## **ABSTRACT**

This research seeks to understand how the cultural identities of agroecological farmers in the municipality of Verê - PR are constituted in processes of (re)existences. The municipality is located in the Southwest region of the state of Paraná and has a prominent focus in the region in agroecological issues, and in institutions related to this purpose, which brings the focus of the research to this municipality. Agroecology has increasingly shown its importance in the midst of several modern crises, and playing a fundamental role for sustainable development combined with the care of nature and the search for healthy and quality food. In this sense, the research seeks to observe the relationship of the cultural identity of the subjects who compose agroecology in the municipality of Verê - PR, through an anthropological qualitative methodology, making visits in agroecological properties and scripts of interviews with producers and leaders of institutions related to agroecological issues in the municipality. We hope to understand about the producers and subjects related to agroecology in the municipality of Verê – PR whether they identify themselves as different, or not, and this possible difference is in their food production, in the work in the institutions, in their way of seeing the world and thus in their cultural identities, if these characteristics make them a (re)existence to the conventional agricultural production mode, and whether a cultural identity is formed around agroecological issues or not.

Keywords: Agroecology; Cultural Identity; (re)existences.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 - Mapa da localização geográfica do município do Verê – PR.....	16
Figura 2 - Alguns dos processos de identificação em que os sujeitos pesquisados se identificam.....	23
Figura 3 - Fotografias da propriedade do seu Milho Crioulo, na comunidade do Alto Alegre em Verê – PR. Contendo parte de seu moinho e parte do resultado da produção de milho crioulo.....	26
Figura 4 - Foto de uma parte do parreiral orgânico do seu Senhor das Parreiras na comunidade da Barra do Santana em Verê – PR.....	28
Figura 5 - Propriedade da senhora Couve-Flor, na comunidade das Águas do Verê, em Verê – PR.....	29
Figura 6 - Fotografias de uma parte da propriedade do seu Urtigão, na comunidade as Águas do Verê, em Verê – PR.....	30
Figura 7 - Propriedade do seu Pipoca Crioula. Na comunidade do Pitangueira em Verê – PR.....	32
Figura 8 - Fotografia de uma parte do plantio de hortaliças de seu Luterano. Na comunidade do Pitangueira em Verê – PR.....	34
Figura 9 - Fotografias da propriedade do seu Mestre dos Orgânicos, na comunidade do Alto Alegre em Verê – PR.....	35
Figura 10 - Fotografias das estufas de hortaliças da senhora Rúcula, próximo do perímetro urbano do município de Verê – PR.....	33
Figura 11 - Fotografias da propriedade da Dona-Flor, algumas flores e hortaliças. Na comunidade do Alto Alegre em Verê – PR.....	38

### QUADROS

Quadro 1 - Quadro com a progressão do sistema agroflorestal em Verê – PR de 2006 a 2017.....	17
Quadro 2 - Dados sobre os produtores agroecológicos entrevistados.....	39



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1</b>	<b>Apresentação.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2</b>	<b>Notas da Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>CONHECENDO A REGIÃO DO SUDOESTE DO PARANÁ E O MUNICÍPIO DE VERÊ PR.....</b>	<b>-</b>
<b>2.1</b>	<b>Aspectos históricos, sociais e culturais da região Sudoeste do Paraná.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>O município de Verê – PR e a Agroecologia.....</b>	<b>155</b>
<b>3</b>	<b>CAMINHOS METODOLOGICOS.....</b>	<b>200</b>
<b>3.1</b>	<b>Os sujeitos da pesquisa .....</b>	<b>244</b>
<b>3.1.1</b>	<b>Milho Crioulo .....</b>	<b>255</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Senhor das Parreiras.....</b>	<b>277</b>
<b>3.1.3</b>	<b>Couve-Flor.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1.4</b>	<b>Urtigão.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1.5</b>	<b>Pipoca Crioula .....</b>	<b>311</b>
<b>3.1.6</b>	<b>Luterano .....</b>	<b>333</b>
<b>3.1.7</b>	<b>Mestre dos Orgânicos .....</b>	<b>344</b>
<b>3.1.8</b>	<b>Rúcula .....</b>	<b>366</b>
<b>3.1.9</b>	<b>Dona-Flor .....</b>	<b>37</b>
<b>3.1.10</b>	<b>Sintetizando.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2</b>	<b>Os dirigentes das instituições .....</b>	<b>39</b>
<b>3.2.1</b>	<b>Ginesio Berns.....</b>	<b>39</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Talita Slota Kutz .....</b>	<b>40</b>
<b>4</b>	<b>IDENTIDADES DE (RE)EXISTÊNCIA DA AGROECOLOGIA DE VERÊ – PR.....</b>	<b>41</b>
<b>5</b>	<b>REDES DA AGROECOLOGIA DE VERÊ – PR: O COLETIVO COMO PARTE DA IDENTIDADE CULTURAL.....</b>	<b>69</b>
<b>6</b>	<b>DO GLOBAL AO LOCAL .....</b>	<b>76</b>
<b>7</b>	<b>DO LOCAL AO GLOBAL: O LUGAR DA IDENTIDADE.....</b>	<b>80</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>88</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
	<b>ANEXO A - Roteiro de entrevistas com os produtores agroecológicos .....</b>	<b>98</b>
	<b>ANEXO B – Roteiro de entrevista com dirigentes das Instituições .....</b>	<b>101</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Apresentação

Essa pesquisa apresenta-se em um lugar em que vivi boa parte da minha vida e, que de forma indireta, manteve contato com a agroecologia do município de Verê – PR. Município no qual nasci em 1995 e residi até o ano de 2022. Nesses 27 anos pude observar, com olhos de leigo, o surgimento até desaparecimento de feiras na cidade, nas quais muitos produtores vendiam diretamente seus alimentos aos consumidores. Posteriormente, a criação de um espaço físico em que a Associação dos Produtores Agroecológicos de Verê (APAV) vendiam seus alimentos, tais alimentos que algumas vezes minha família adquiriu, nas extintas feiras ou na loja da APAV.

O contato que tive com questões da agroecologia foi desde a escola do ensino fundamental até o colégio do ensino médio, através de palestras e projetos que o Centro de Apoio e Promoção a Agroecologia – CAPA de Verê fazia, em que buscava trazer nessas palestras informações do cuidado com a natureza e a importância de alimentos saudáveis para todos. Participei também de projetos aplicados, quer seja no horário das aulas, quer sejam algum projeto no contraturno dos horários de aula.

No mais, a oportunidade que tive em fazer o curso Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) e, posteriormente, a especialidade que ofereciam em pecuária leiteira, foi o que me trouxe o maior contato com o meio agrícola do município e com os diferentes tipos de instituições do município, que trabalham com o meio rural e com muitas questões agroecológicas. Em simultâneo com o curso (e além desse período) trabalhei em uma agropecuária, no auxílio das vendas e nas entregas dos produtos no meio rural do município de Verê – PR.

Todos esses fatos da minha trajetória me instigaram na busca de compreender os processos do fazer agrícola do município, mas não do fazer convencional, e sim daquele que se destacam em sua diferença, nos modos em que os sujeitos se relacionam com o cuidado com a natureza, e na busca deles de uma unidade que permita serem mais fortes na produção de alimentos saudáveis. Ao mesmo tempo, compreender o que cada um faz na sua maneira, sua singularidade que o torna único na construção da sua própria identidade coletiva.

No escrever durante toda a pesquisa utilizaremos a primeira pessoa do plural, primeiramente primeira pessoa, pois em um pequeno grau estou na análise da

pesquisa, e o plural, porque não faço essa pesquisa sozinho, ela é composta também pelos meus orientadores, colegas, amigos e, principalmente, pelos agricultores/as agroecológicos do município de Verê – PR, e os sujeitos das instituições do município, que os apoiam das mais diferentes formas, e que todos são os espíritos humanos que compõem a agroecologia do município em que buscamos pesquisar.

## 1.2 Notas da Introdução

A agricultura, de um modo geral, passou por mudanças estruturais no decorrer do século XX no Brasil e no mundo. Essas transformações<sup>1</sup> modificaram o modelo de produção, as relações de trabalho, as relações sociais e culturais das agricultoras e agricultores, concomitantemente com as transições socioambientais no mundo.

A partir da segunda metade do século XX, a agricultura passa a ser um setor inserido fortemente na lógica de mercado, transformando o rural, sua população, seus saberes e vivências agrícolas em um modo de vida inserido no capitalismo moderno (ABRAMOVAY, 2003). Anterior a esse período de transformações mais intensas, os processos agropecuários e a própria vida campesina moviam-se sobre saberes geracionais (PLOEG, 2009), para grande parte da população rural.

Os saberes modernos transformaram a relação da agricultura com a natureza, os plantios se tornaram menos biodiversos, embora produtivos. Já em relação às sementes, essas apresentam grande dependência de insumos sintéticos provindos da indústria (agrotóxicos e fertilizantes). Os olhares modernos implantaram transformações socioculturais (SEYFERTH, 2011), que ocasionaram diferentes modos de manejos agrícolas e contato do sujeito com a natureza, envolvendo-os em ciclos capitalistas, tornando-os dependentes do mercado e do dinheiro, denominando-se agricultura convencional. Esse modelo de desenvolvimento produziu transformações que geraram crises socioambientais, com degradações da natureza e desigualdades sociais.

Passamos assim a ter a necessidade eminente de um desenvolvimento sustentável, que se desenvolva com o cuidado tanto do natural quando do social. Nesse contexto, a partir da década de 1970 ganha força a Agroecologia, ela se apresenta como uma ciência que propõe resistência e alternativas ao modelo de

---

<sup>1</sup> Essas transformações na agricultura são conhecidas no Brasil e em outros países como Revolução Verde no contexto da modernização da agricultura.

agricultura convencional. Ela deve ser compreendida como uma ciência holística, baseada na biodiversidade, na preservação sociocultural, na transdisciplinaridade, na equidade e no equilíbrio. Assim, ela vai além de tratos produtivos, mas também da ressignificação dos atores sociais diante de toda relação com a natureza (PLOEG, 2009), expressando formas sustentáveis.

Leff (2002) apresenta a Agroecologia como um dos principais expoentes para uma transformação rural sustentável, na forma de uma agricultura ecológica e de ação social coletiva, apresentando-se antagônica ao modelo agroindustrial hegemônico, o qual explora humanos e a natureza no sentido econômico, desprezando a complexa ontologia da vida. Desta forma, ela se apresenta tanto como um modelo ecológico como uma alternativa para o desenvolvimento sustentável, trazendo dignidade social em sua resistência ao modo convencional, possibilitando a alternativa para uma economia sustentável, o que poderemos perceber em nossos processos regionais.

Partindo do pressuposto que o processo de identificação se relaciona com a alteridade, ou seja, começa na relação com o outro, é possível nos identificar diferentemente do outro, em um jogo de diferença (SEYFERTH, 2011; HALL, 2020). Hall (2020; 2020b), expressa que vários sujeitos distintos podem criar uma identidade em comum, apresentando-se como resistência ao grupo hegemônico ou não se identificando com ele, através da identificação um dos processos para a construção de uma identidade cultural, sendo ela um processo mais coletivo e estável que a identificação, englobando conceitos coletivos de cultura, nação, etnia, entre outras formas de identificação.

Nesse sentido, a agroecologia ao se apresentar como uma alternativa (diferente) da agricultura convencional, observando o jogo da diferença que a agroecologia está inserida, que gera uma identificação em comum dos sujeitos que a compõem, delimitando fronteiras daquilo que não são e aquilo que se é na agroecologia. Principalmente aquilo que a agroecologia não é, como não sendo a Ciência de concepção moderna nem a agricultura convencional, o que implica na resistência ao modelo agrícola convencional hegemônico, gerando uma identificação coletiva e, quem sabe, um caminho para a construção de uma identidade cultural de resistência.

Dentro do rural brasileiro, Giralda Seyferth (2011) expressa que existem múltiplas identidades camponesas, mais ou menos inseridas na lógica de mercado e da modernização, e diferentes tipos de identidades dos agricultores e agricultoras,

além de diferentes identificações dentro dos mais diversos grupos sociais presentes no campo.

Dessa forma, vivemos atualmente uma crise de identidades, gerada no processo de globalização e pela crise da modernidade, além das transformações impostas pelos processos de modernização, em especial a Revolução Verde. Nesse sentido, é fundamental compreender a formação de identidades culturais no rural, a partir dos movimentos ecológicos e pautados nos princípios da Agroecologia, como pressupostos de (re)existências ao modelo convencional de desenvolvimento.

Assim sendo, o presente trabalho tem as seguintes questões a serem respondidas: é possível verificar a construção ou existência de uma Identidade Cultural baseada nas dinâmicas socioambientais a partir dos princípios agroecológicos dos agricultores familiares do município de Verê, PR? E essas distintas identificações que compõem identidades culturais encontradas correspondem a uma construção de resistência e/ou (r) existências ao modelo de produção convencional?

Diante de tais questões, tivemos como objetivo norteador da pesquisa compreender como se constituem as identidades culturais dos agricultores/as agroecológicos do município de Verê – PR em processos de (re)existências. E como objetivos específicos: Verificar como os agricultores/as relacionam-se com a natureza no fazer agroecológico; Entender as relações entre os sujeitos que compõem a unidade familiar no fazer/saber agroecológico; Entender como se estabelecem relações sociais no saber/fazer da Agroecologia; Descrever aspectos que compõem a identidade cultural dos sujeitos agroecológicos.

## **2 CONHECENDO A REGIÃO DO SUDOESTE DO PARANÁ E O MUNICÍPIO DE VERÊ – PR**

### **2.1 Aspectos históricos, sociais e culturais da região Sudoeste do Paraná**

Entendeu-se como parte da pesquisa observar os aspectos da composição cultural/identitária dos sujeitos que compõem as dinâmicas da agroecologia no município de Verê, e com isso abordamos na pesquisa questões sociais, históricas e culturais da região do Sudoeste do Paraná, no sentido de contextualizar o município de Verê – PR e, assim, dos agricultores/as agroecológicos do município.

A região do Sudoeste do Paraná de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é formada por 42 municípios, distribuídos por 4 microrregiões: Capanema, Francisco Beltrão, Pato Branco e Palmas. E segundo o instituto em projeções de 2021 apontavam 628.164 habitantes na região (IBGE, 2021). A região tem sua forte ligação com a migração, especialmente italiana e alemã a partir de 1940. Essa migração teve seu papel na transformação da região, em questões territoriais, agrícolas, culturais e sociais (IPARDES, 2017).

Wachowicz (1985), Corona (1999) e Flavio (2011), discorrem sobre aspectos da constituição histórica do Sudoeste do Paraná, apresentando a formação histórica ainda antes da década de 1940, ocorrendo na década de 1940 uma intensa migração e colonização pelos migrantes de descendência europeia vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, até décadas mais recentes. Os autores apresentam que havia habitantes no Sudoeste do Paraná antes dessa colonização branca de origem europeia da década de 1940, que eram as populações indígenas e luso-brasileira, descendentes de índios, negros e portugueses miscigenados ou não, conhecidos como caboclos, sendo que tais sujeitos também exerceram força na constituição da Identidade Cultural da região do Sudoeste Paranaense.

Ainda em diálogo com os autores, podemos observar que o Sudoeste do Paraná tem uma marca em sua história, a Revolta dos Posseiros, acontecimento que ocorreu em 1957 em resposta à opressão econômica e social que os posseiros/habitantes sofriam na região, a exploração de mão de obra, a falta de terras e a falta de proteção legal. A luta dos posseiros por direitos de acesso legal da terra, continha tanto aspectos agrícolas como de reforma agrária, dado que a região era disputada por uma grande empresa – a CITLA – que se colocava como proprietária. Tal luta foi vista como uma forma de resistência contra a hegemonia do latifúndio e da

oligarquia agrária, que controlavam a economia e a política da região. Buscamos discutir essa revolta em um capítulo posterior, entrecruzando o referencial teórico juntamente com as vivências, memórias e relatos dos entrevistados dessa pesquisa.

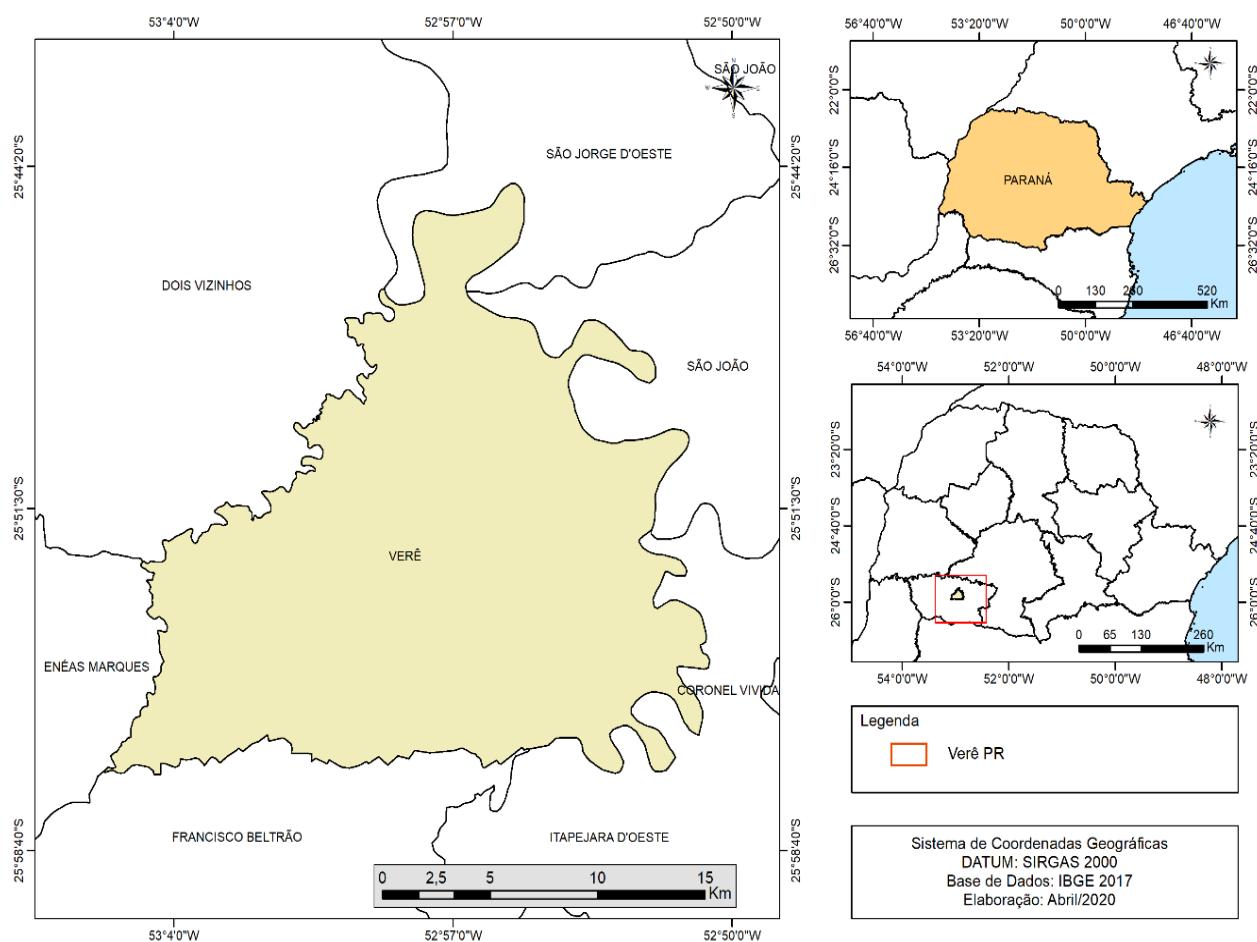
## **2.2 O município de Verê – PR e a Agroecologia**

O município de Verê - PR encontra-se localizado na região Sudoeste do Paraná e na microrregião de Francisco Beltrão, possuindo em 2010 um total de 7.878 habitantes, dos quais 4.597 residiam no meio rural, ou seja, 58% da sua população (IBGE, 2010). As projeções de 2010 indicavam 7.094 habitantes, no entanto, os dados atualizados indicam 7.929 habitantes, o que indica um relativo crescimento populacional (IBGE, 2017)

Já em relação aos estabelecimentos o município conta com 1.011 estabelecimentos rurais, correspondendo a 27.946 hectares de propriedades agropecuárias, tendo em média 27,64 hectares por estabelecimento (IBGE, 2017), tornando o município predominante de agricultura familiar, segundo os padrões da União, conforme a Lei n.º 11.326, de 24 de julho de 2006, que define os parâmetros para que os sujeitos se enquadrem como agricultores familiares. O Produto Interno Bruto (PIB) do município segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2018 (x1000 R\$) era de R\$ 293.056,51, e a agropecuária era responsável por R\$ 86.896,01, 30% de todo o PIB do município.

Na Figura 1 temos a localização do município de Verê, localizado na região do Sudoeste do Paraná.

**Figura 1 - Mapa da localização geográfica do município do Verê – PR**



**Fonte: Autoria própria (2022).**

O município de Verê contém uma área territorial de 313,295 km<sup>2</sup>, contendo três distritos administrativos: Presidente Kennedy; Sede Progresso e Lambedor (IPARDES, 2022). Observando a relação dos sujeitos com o território, dos 1011 estabelecimentos rurais presentes no município, em 154 foi constatado a não utilização de agrotóxicos em suas produções, sendo 15% dos estabelecimentos totais do município (IBGE, 2017).

No Quadro 1, observamos algumas transformações ocorridas no município através de dados de diferentes Censos, a relação de quantidade de sistemas agroflorestais, não que sistemas agroflorestais sejam necessariamente agroecológicos, pois vários desses sistemas podem estar integrados a agricultura convencional, mas, é uma característica que se aproxima do conceito da agroecologia em diversos pontos. Altieri (1999) aponta a importância dos sistemas agroflorestais dentro da abordagem agroecológica, o autor apresenta que esses sistemas



representam uma estratégia eficaz para promover a sustentabilidade agrícola, combinando a produção de alimentos com a conservação dos recursos naturais, a biodiversidade e o bem-estar das comunidades rurais.

Dessa maneira, foi possível observar que no censo do IBGE de 2006 existiam 28 estabelecimentos com sistemas agroflorestais que totalizavam 67 ha em Verê; já em 2017 existiam 38 estabelecimentos com sistemas agroflorestais que totalizavam 213 ha; assim, houve aumento de 217% da área e 35% no número de estabelecimentos adeptos ao sistema agroflorestal em Verê - PR (IBGE, 2006; 2017).

**Quadro 1 - Quadro com a progressão do sistema agroflorestal em Verê – PR de 2006 a 2017**

	IBGE 2006	IBGE 2017	Aumento
Sistemas agroflorestais (ha)	67	213	146 – 217%
Sistemas agroflorestais (nº estabelecimentos)	28	38	10 – 35%

**Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006; 2017).**

O município de Verê – PR foi escolhido para sediar o Centro de Apoio e Promoção a Agroecologia (CAPA) na região do Sudoeste do Paraná, no ano de 1996, provavelmente pela forte presença da agricultura familiar e camponesa no município. Dentre os objetivos do CAPA está o apoio a Agroecologia e o auxílio na manutenção dos sujeitos no meio rural, contribuindo para diminuir o êxodo rural. Em seus documentos consta que o “CAPA se fundamentava na disseminação de práticas econômica e ecologicamente sustentáveis, entre famílias produtoras rurais, oferecendo alternativas para a permanência no campo.” (CAPA, 2022, on-line).

O trabalho do Capa inicia-se durante o processo da Revolução Verde no país, em 15 de junho de 1979, na cidade de Santa Rosa, no estado do Rio Grande do Sul, e na época se chamava Centro de Aconselhamento ao Pequeno Agricultor. Conforme o site oficial do CAPA, a entidade nasceu quando agricultoras e agricultores familiares eram expulsas e expulsos do campo, pelo modelo de desenvolvimento chamado de Revolução Verde (CAPA, 2021).

A instituição em Verê - PR surgiu em 1996, com o propósito de atuar em prol da agricultura familiar e camponesa do município e da região Sudoeste do Paraná, visando promover uma produção e comercialização dos produtos de forma associativa, solidária e agroecológica, com base no apoio mútuo e na solidariedade.

Promove ainda, a união de agricultoras e agricultores familiares, visando à diversificação da produção e comercialização, além de desenvolver tecnologias que preservem o meio ambiente (CAPA, 2021).

Podemos interligar a atuação do CAPA – Verê com a ascensão da agroecologia no município, e por consequência o aumento dos sistemas agroflorestais no município, observadas na progressão dos dados do IBGE (2006; 2017), e na forte presença de produtores com certificação orgânica, sendo um destaque na região do Sudoeste do Paraná quando comparado com outros municípios da região (CNPO, 2022). Outras atuações importante do CAPA foram auxiliar no surgimento de instituições como da Associação de Produtores Agroecológicos de Verê em 2001, que em 2015 se transformou na Cooperativa dos Produtores Orgânicos e Agroecológicos do Sudoeste do Paraná (COOPERVEREDA) a qual possui 53 cooperados no município e na região, além de possivelmente ter influenciado a constituição da Cooperativa de Sucos e Alimentos de Verê (COOPERVIVE) e a Indústria de Sucos Viry Ltda – Suco de Uva Orgânico.

Nesse contexto da agroecologia, de produtos orgânicos e dos sujeitos que os fazem é que se supõe constituir algumas das características identitárias do município, inclusive trazendo essa estrutura para as políticas públicas municipais. Como exemplos, a inserção de alimentos orgânicos na merenda escolar pelo município; o fomento da agroecologia pelas campanhas tanto do CAPA como da prefeitura e das demais instituições do município; a relação da agroecologia com todos os sujeitos do município, seja os produtores, consumidores ou alunos das escolas e colégios que recebem informações sobre agroecologia em campanhas, do CAPA, da prefeitura e demais instituições.

Com o trabalho do CAPA nos últimos 26 anos em Verê – PR podemos relacionar mudanças em características que se aproximam das agroecológicas, e no auxílio da transição de produtores para o orgânico e agroecológico e na ajuda de sua manutenção no campo, o que torna essencial para nossa pesquisa compreender o trabalho do CAPA em Verê – PR e as diferentes frentes que o CAPA toma na questão agroecológica no município.

No mesmo sentido, buscamos conhecer um pouco mais da Cooperativa de Produtores Orgânicos e Agroecológicos do Sudoeste do Paraná (COOPERVEREDA). A cooperativa que em 2021 possuía 53 cooperados, em diversos municípios do Sudoeste do Paraná, desses 53, apenas 19 possuem certificação orgânica. E dos 19

cooperados que tem certificação orgânica da COOPERVEREDA, 13 são do município de Verê. Esses 13 produtores de Verê presentes na cooperativa com certificação orgânica representam mais de 40% do total do número de produtores com certificação orgânica de todo município de Verê, que são 27 produtores individuais no ano de 2021 (BRASIL, 2021; COOPERVEREDA, 2021).

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se pautou em uma metodologia qualitativa em conjunto com o aporte teórico que buscamos contemplar o objetivo de compreender como se constituem as identidades culturais dos agricultores/as agroecológicos do município de Verê – PR em processos de (re)existências. Para Minayo (1994, p. 22), a pesquisa de natureza qualitativa responde a questões que não podem ser quantificadas, já que trabalha com o universo de significados das ações e das relações humanas.

Através do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos<sup>2</sup> (CNPO) buscamos fazer nosso escopo do público-alvo de pesquisa, para chegar ao primeiro contato com os produtores agroecológicos no município de Verê – PR. Foi possível constatar que no município de Verê em maio de 2022, existiam 30 certificados de produção orgânica no CNPO (incluindo produtor individual e empresas). Todos são certificados pela rede ECOVIDA, além de três cooperativas e empresas certificadas, como a Cooperativa de Sucos e Alimentos de Verê, a COOPERVEREDA e um moinho. Desta maneira, nosso escopo foi formado por 27 produtores orgânicos individuais para o contato.

Pedimos um direcionamento do CAPA - Verê para que nos encaminhasse dentro desse escopo dos 27 produtores com certificação orgânica, para os produtores agroecológicos do município de Verê – PR segundo os parâmetros de definições dessa instituição, e assim fomos direcionados pelo CAPA para 10 propriedades agroecológicas no município de Verê – PR dentro do escopo dos 27 produtores com certificação orgânica e que estão presentes no CNPO. Dessas 10 propriedades, uma propriedade não obtivemos êxito na visita por questões de saúde de um dos familiares, e assim entrevistamos os produtores de 9 propriedades.

Através das entrevistas<sup>3</sup> e das visitas nas propriedades buscamos observar características de seus integrantes e da propriedade a partir de uma postura etnográfica, sendo a etnografia uma profunda metodologia qualitativa, no uso das ferramentas de entrevistas, registros fotográficos e do diário de campo (2022), que utilizamos na realização de nossa pesquisa. Segundo Uriarte (2012, p. 4) o método etnográfico “É uma forma de nos aproximarmos da realidade que nos propomos estudar e entender”, e para Geertz (1989, p. 20) a etnografia,

---

<sup>2</sup> Relação de produtores orgânicos de todo o Brasil e organizações de controle e qualidade, dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

<sup>3</sup> Roteiros das entrevistas em anexo.

[...] é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.

Para Geertz (1989, p. 20), o fazer etnográfico é uma tarefa para a compreensão “um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”, buscamos realizar as entrevistas e registrar um diário de campo, durante as visitas. O diário de campo é “um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas na pesquisa, ao potencializar a compreensão dos movimentos da/na pesquisa e das diversas culturas inscritas no cotidiano da comunidade” (DE OLIVEIRA, 2014, p. 69).

Buscamos entrar em contato com os produtores agroecológicos com certificação orgânica. O contato inicial foi feito pelo telefone (WhatsApp), sendo que alguns contatos foram passados pelo CAPA - Verê, e outros buscamos o contato através do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (CNPO), onde é disponibilizado um número de telefone dos produtores cadastrados, e assim os convidamos para a realização das entrevistas e visitas em suas propriedades.

Obtivemos de todos uma ótima aceitação para as entrevistas e uma excelente recepção. Através dos roteiros de entrevistas (proposta em anexo) realizamos as entrevistas com as agricultoras e agricultores que estão inseridos nas dinâmicas socioambientais agroecológicas e presentes no CNPO mencionado anteriormente, e com seus familiares presentes no dia das entrevistas.

Realizamos entrevistas com os demais sujeitos que auxiliam na composição agroecológica do município, sendo eles os representantes das instituições do CAPA e da COOPERVEREDA (roteiro das entrevistas em anexo), através do nosso aporte metodológico, e também participamos de algumas reuniões do CAPA – Verê para as quais fomos convidados. Tais reuniões são realizadas todas as segundas-feiras pela instituição para a discussão de projetos e trabalhos com os funcionários e colaboradores.

Para Gil (2002), a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas para a investigação social, segundo o autor, ela é uma técnica flexível e eficiente que permite, entre outros, a obtenção de dados em profundidade e versões sobre diferentes

aspectos da vida social. Ela possibilita captar dados objetivos e subjetivos, o que enriquece a análise da pesquisa.

Durante as entrevistas buscamos elementos que proporcionassem uma descrição e análise dos dados e informações, para dar fundamentos na compreensão das identidades culturais dos sujeitos envolvidos com a agroecologia do município. Buscamos fazer as entrevistas de forma livre, deixando que a fala do entrevistado transcorresse livremente e ele falasse do que lhe interessasse sobre o assunto, sem perder de vista as indagações previstas no roteiro de entrevista.

Estava proposto no projeto dessa pesquisa que a partir das instituições de apoio à agroecologia do município de Verê - PR, iria ser realizado uma fase de pesquisa documental, através dos registros do início de suas composições e principalmente de suas ações em auxílio à agroecologia do município, em busca da compreensão das identidades culturais coletivas. No entanto, ao longo do tempo, percebemos que a utilização da análise documental não seria necessária, especialmente pelo denso conteúdo oriundo das entrevistas com os dirigentes do CAPA e da COOPERVEREDA. Assim, a utilização de entrevistas com os sujeitos envolvidos nessa pesquisa tornou a análise documental menos relevante, já que as entrevistas contemplaram os pontos importantes para a abordagem dessa pesquisa.

Em todos os processos da pesquisa buscamos utilizar ferramentas da etnografia, através das entrevistas, que foram transcritas, e principalmente do registro no diário de campo, descrevendo as informações e percepções no trabalho de campo, seja na compreensão das questões agroecológicas dos produtores ou de suas identidades culturais e identificações, através das entrevistas e visitas em suas propriedades. Na questão agroecológica dos produtores buscamos dialogar com nosso referencial teórico, para percebermos a relação teoria-prática com a agroecologia, mas principalmente a identificação com questões agroecológicas dos sujeitos pesquisados.

Compreendemos dois pontos dentro da análise das identidades culturais dos agricultores agroecológicos de Verê – PR, orientados pelas definições de Hall (2020, 2020b), e amparado em todo o percurso metodológico realizado descrito anteriormente. O primeiro ponto, o das identificações, onde a identificação é um dos processos que levam a formação da identidade cultural, sendo a agroecologia previamente uma dessas identificações dos agricultores analisados, entre distintas outras identificações que perpassam esses sujeitos. A identificação não é somente

um processo para a construção de uma identidade cultural, mas algo muito mais instável e mutável, em que em um momento o sujeito se identifica e facilmente em outro momento não se identifica mais. E tivemos diferentes tipos de identificações dos sujeitos dentro das dinâmicas socioambientais da agroecologia que se forma no município de Verê – PR.

**Figura 2 - Alguns dos processos de identificação em que os sujeitos pesquisados se identificam**



Fonte: Autoria Própria (2022).

O segundo ponto, a partir dos processos de identificação buscamos compreender propriamente aspectos que constituem a identidade cultural dos sujeitos, onde a identidade cultural é um processo mais estável que a identificação, como questões étnicas e nacionais, ou seja, que carregam originalmente (como camponeses ou agricultores familiares, identidade etnias e nacional, outros). Os dois

pontos indicados por Hall (2020; 2020b) demandam processos etnográficos para a compreensão dos sujeitos que compõem essa pesquisa.

A partir e juntamente com a contextualização das identificações e identidades culturais, buscamos demonstrar as tradições e costumes dos produtores agroecológicos pesquisados do município de Verê – PR, e o que afetam a agroecologia do município, suas resistências culturais e sociais, seu papel ativo na história da região e no meio rural.

Edward Thompson (2019, p. 90) afirma que em “um ambiente vivido que inclui práticas, expectativas herdadas, regras que não só impunham limites aos usos como revelam possibilidades, normas e sanções, tanto da lei como das pressões da vizinhança.” Destaca o autor, em suas pesquisas com trabalhadores na Inglaterra<sup>4</sup>, a importância em considerar o contexto histórico e político em que os costumes surgem e como eles são utilizados pelos trabalhadores para se protegerem e resistirem à opressão. Além disso, é importante levar em conta as diferenças individuais entre os membros da comunidade e como esses costumes podem variar de acordo com a idade, gênero, classe social e outros fatores.

O município de Verê - PR, mesmo sendo uma referência para a agroecologia na região do Sudoeste do Paraná, desenvolve a produção orgânica e com certificação orgânica apenas em uma pequena parcela de toda a agricultura presente no município, e a produção agroecológica representa uma parcela ainda menor. A partir disso, iniciamos uma reflexão em nossa discussão que nos ajudou a compreender a identidade dos sujeitos que compõem as dinâmicas socioambientais da agroecologia em Verê – PR, sob a ótica de (re)existência à lógica globalizante.

### **3.1 Os sujeitos da pesquisa**

Para preservar o anonimato dos entrevistados escolhemos nomes fictícios para todos eles, para que assim possamos nos referi-los na escrita. Os nomes foram escolhidos, após as entrevistas, com base em algo que refletisse suas identidades,

---

<sup>4</sup> Thompson (2019) fez uma análise detalhada da cultura e da política da Inglaterra pré-industrial, com ênfase nas tradições e costumes comuns entre os trabalhadores rurais. Ele argumenta que esses costumes, como a solidariedade entre os trabalhadores, o senso de justiça e o uso da violência como meio de resolução de conflitos, não eram simplesmente reflexos da classe operária, mas sim formas conscientes de resistência e proteção contra as opressões da classe dominante.



suas histórias ou algum traço importante que se destacava em suas singularidades em processos de suas identificações.

### 3.1.1 Milho Crioulo

Nosso primeiro visitado e entrevistado dos agricultores agroecológicos foi o seu Milho Crioulo, senhor de 62 anos, nome fictício escolhido pela questão da relação do entrevistado com a produção orgânica de milho, pela grande relevância que o entrevistado demonstrou do milho crioulo para a sua produção e vida. Ele fabrica farinha de milho orgânica/crioula que produz em seu moinho, que ele mesmo construiu. O entrevistado tem uma variedade de milho crioula batizada com seu nome<sup>5</sup>, pois foi uma variedade que ele mesmo fez na seleção e cruzamento de diferentes tipos de milhos crioulos.

Na mesma propriedade estava presente no dia da visita o seu irmão, que o denominamos como Parreiral Italiano, senhor de 60 anos, que participou também ativamente da entrevista e nos guiou na visita na propriedade junto com o seu Milho Crioulo. O chamamos assim, pois o entrevistado ressaltou e demonstrou muito cuidado com o seu parreiral, e que o parreiral é a única parte da propriedade em que ele emprega seu trabalho (Figura 3). Ele cuida sozinho da produção de uvas orgânicas na propriedade, e na entrevista fez várias ligações da produção de uvas com a sua identidade étnica italiana.

---

<sup>5</sup> O CAPA – Verê batizou com o nome do entrevistado.

**Figura 3 - Fotografias da propriedade do seu Milho Crioulo, na comunidade do Alto Alegre em Verê – PR. Contendo parte de seu moinho e parte do resultado da produção de milho crioulo**



Fonte: Autoria Própria (2022).

Na propriedade residem o seu Milho Crioulo seu irmão o Parreiral italiano, e o irmão deles mais novo de 56 anos com sua esposa e seu filho, esse casal do irmão mais novo e filho cuidam da produção de leite na propriedade, não participaram do dia na entrevista. Todos são católicos, a propriedade deles tem cerca de 30 hectares e se identificam de origem étnica italiana.

Foi uma visita e entrevista que rendeu muitas histórias da família e do município, com detalhes dos antigos modos de cultivo da terra, de enfrentamento de

jagunços durante da Revolta de Posseiros<sup>6</sup> e processos culturais do território. Nesse dia na entrevista um colega do programa de pós-graduação também participou, pois pesquisou sobre o seu Milho Crioulo, em sua dissertação sobre sementes crioulas, e foi a visita/entrevista que mais durou, das 14:00 horas até as 18:30, uma entrevista rica em detalhes, que demonstrava o amor e cuidado com a terra e a produção.

### 3.1.2 Senhor das Parreiras

Um dos entrevistados o denominamos como Senhor das Parreiras, 38 anos, pois é das parreiras de onde vem a maior parte da renda familiar deste produtor, e foi muito ressaltado pelo entrevistado sua relação com a produção de uva. Outro ponto importante para essa denominação foi o fato que ali em sua propriedade tem uma área muito extensa de plantação de parreiras (Figura 4), além de que o entrevistado é um dos principais sócios da cooperativa que produz suco de uva orgânica no município, a Aprovive - Indústria de Suco dos Vitivinicultores de Verê.

---

<sup>6</sup> Revolta qual buscamos apresentar

**Figura 4 - Foto de uma parte do parreiral orgânico do seu Senhor das Parreiras na comunidade da Barra do Santana em Verê – PR**



**Fonte: Aatoria Própria (2022).**

Na entrevista participou ele e sua mãe que contribuiu por um pequeno período com alguns apontamentos, e logo voltou para dentro da casa fazer o almoço. A sua propriedade tem cerca de 8,5 hectares. Na propriedade residem ele, sua esposa de 30 anos, seu filho no início da adolescência, sua mãe de 62 anos e seu pai de 66 anos. Cheguei de manhã e já estavam me esperando o Senhor das Parreiras e sua mãe na estrada que passa junto a casa deles, na propriedade do Satan'ana no Verê – PR. Me pareceu que estavam entusiasmados para falar e saber do que se tratava a pesquisa. O entrevistado falou bastante sobre a história de sua família e da história da comunidade onde reside, foi uma conversa leve e bem proveitosa, mas a visita na propriedade após a entrevista ele me deixou fazendo sozinho, pois teve um compromisso com seu caminhão em que faz alguns fretes.

O Senhor das Parreiras e sua família são de origem étnica italiana, ele foi o único entrevistado que se identificou com uma religião diferente da católica ou luterana, ele mencionou que ele e sua mulher praticam e estudam gnose em um templo no município de Francisco Beltrão, já seus pais são católicos.

### 3.1.3 Couve-Flor

Tivemos também a entrevistada Couve-Flor, uma senhora de 56 anos, responsável pelo estabelecimento e pela produção orgânica, a denominamos assim pela belíssima horta presente em sua propriedade. Com uma grande variedade de hortaliças ela demonstrou um grandíssimo apreço pela sua produção, fazendo com muito amor e cuidado, um lugar belíssimo (Figura 5). Com um foco na produção de hortaliças e na entrega dessa produção para a COOPERVEREDA comercializar, entregando toda semana algo de sua produção o que agrega muito renda mensal. Por esse motivo nomeamos com o nome de uma hortaliça, que produz com muito cuidado, amor e apreço, a Couve-Flor.

**Figura 5 - Propriedade da senhora Couve-Flor, na comunidade das Águas do Verê, em Verê – PR**



Nota: Presente nas fotografias algumas de suas hortaliças e a barreira para proteção da produção orgânica feita em partes com bananeiras.

**Fonte: Autoria Própria (2022).**

Na propriedade residem ela e seu marido que tem câncer de pele e por esse motivo apenas Couve-Flor trabalha na produção orgânica na propriedade, que é herança da avó de seu marido, tem 3 alqueires e meio, segundo ela, cerca de 8

hectares, mas com muita diversidade e organização, um lugar belíssimo, ao final da visita ela me presenteou com dois pés de alface de duas variedades, ela se identifica de origem étnica italiana e seu marido segundo ela, de origem alemã, eles são praticantes da religião luterana.

### 3.1.4 Urtigão

Bem próximo da senhora Couve-Flor temos o seu Urtigão, senhor de 54 anos, iremos denominamo-lo assim pela história que relatou da sua família na escolha de terra, o que marcou muito a percepção sobre ele, na construção de sua identidade com a relação com o seu lugar. Mencionou na entrevista que seus pais, de origem alemã, escolheram a terra pela presença da planta chamada popularmente como urtigão. Segundo ele a terra com a presença dessa planta é uma terra preta, muito fértil. No início, quando seus pais chegaram à região, se estabeleceram no município de Chopinzinho – PR, segundo ele em uma propriedade cheia de pinheiros nativos, mas relata que como eram de origem alemã queriam uma terra preta, e venderam a terra em Chopinzinho e se estabeleceram na comunidade das Águas do Verê no município de Verê – PR, que havia o urtigão (Figura 6).

**Figura 6 - Fotografias de uma parte da propriedade do seu Urtigão, na comunidade as Águas do Verê, em Verê – PR**



Fonte: Autoria Própria (2022).

A entrevista e visita na propriedade com seu Urtigão foi uma das que mais informações foram adensadas. Ele me ofereceu vinho, salame e queijo para me alimentar, tudo da sua própria produção. A entrevista foi muito livre, ele falou de diversos assuntos que mais o interessava, falou sobre sua história de vida, da sua família e a sua trajetória, sobre a cooperativa COOPERVEREDA, que é socio, os desafios que enfrentam, e os seus próprios desafios de sua vida, alguns relatos emocionantes. Na propriedade do seu Urtigão, residem apenas ele e sua esposa de 49 anos, tendo o foco na produção de hortaliças e frutas orgânicas, a sua propriedade tem 1,5 hectare, ambos são de origem étnica alemã o que foi fortemente ressaltado na entrevista e são praticantes da religião luterana.

#### 3.1.5 Pipoca Crioula

Tivemos também o entrevistado Pipoca Crioula, senhor de 50 anos, o denominamos assim pela sua forte identidade relacionada com conservação das sementes, ele é um Guardião de Sementes segundo o CAPA de Verê – PR, e ressaltou muito sobre sua semente favorita de pipoca, que conseguiu em uma Festa das Sementes em Curitiba – PR de um amigo indígena, e o seu forte apreço pela conservação dessa variedade (Figura 7).

**Figura 7 - Propriedade do seu Pipoca Crioula. Na comunidade do Pitangueira em Verê – PR**



Nota: Uma bolsa de sementes da RESA e o Matrine que utiliza em sua produção orgânica.

Fonte: Autoria Própria (2022).

A propriedade do seu Pipoca Crioula tem 7,6 hectares e nela residem ele sua esposa de 49 anos, seu irmão de 63 anos e sua irmã de 64 anos, sendo a agricultura a fonte de renda de toda a família. O casal tem uma filha de 17 anos que não reside mais na propriedade pois está morando na cidade. No dia da entrevista seu irmão também deu algumas contribuições pontuais, a sua mulher estava presente no dia, mas não chegamos a vê-la. Bem no início da entrevista chegou à entrevistadora do IBGE, ela fez várias perguntas interessantes que gravamos também e foi útil para a pesquisa. Todos da família são católicos, e de etnia alemã.

Um colega do programa de pós-graduação também participou dessa entrevista, pois seu Pipoca Crioula também é um guardião de sementes segundo o CAPA. No início da entrevista conversei muito sobre coisas do dia a dia com ele, ele conhece minha família, e é amigo do meu irmão. Seu Pipoca Crioula além da produção orgânica também tem agricultura convencional, o que segundo ele é muito importante



para a renda familiar, e que buscou e busca ter 100% da sua propriedade produzindo orgânico. Para isso, buscou um projeto para transformar a parte da propriedade que produz convencional em produção de frutas orgânicas, mas acabou não ocorrendo pois não conseguiu financiamento do total necessário para esse projeto.

Na produção orgânica seu Pipoca Crioula utiliza defensivos agrícolas liberados para a produção orgânica pela rede ECOVIDA, o Matine da empresa Dinagro. Seu Pipoca Crioula se identifica como um agricultor familiar, agricultor agroecológico e guardião de sementes.

### 3.1.6 Luterano

Vizinho do seu Pipoca Crioula temos o seu Luterano, senhor de 43 anos, reside na comunidade do Pitanga no município de Verê – PR. O denominamos assim pela percepção que tivemos durante a entrevista e na visita em sua propriedade, que demonstrou uma forte ligação e conhecimento com a religião luterana. Ele frequentava a igreja Luterana do Brasil na comunidade de Presidente Kennedy em Verê – PR, a qual fechou, e hoje em dia pratica sua fé pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a qual segundo ele tem uma sede na comunidade das Águas do Verê (comunidade próxima da sua e da comunidade de Presidente Kennedy), e outra no perímetro urbano da cidade do Verê.

Na propriedade residem ele, seu pai e sua mãe, ambos idosos, sua irmã e seu sobrinho, e quem trabalha na produção certificada orgânica é ele, o seu Luterano e seus pais, todos se identificam como de origem alemã. O senhor Luterano contrata por dia frequentemente o senhor Pipoca Crioula para trabalhar e o auxiliar na propriedade na produção orgânica. Uma porcentagem da propriedade do seu Luterano também é destinada para a agricultura convencional, o que diz ser importante para renda familiar. Além disto, seu Luterano administra e dirige o trator da associação dos trabalhadores rurais, que resulta em um ganho por hora trabalhada. Sua propriedade tem 11 hectares, e apenas 2,5 hectares tem certificação orgânica, no dia da visita ele estava produzindo com certificação orgânica apenas hortaliças (Figura 8). Ele se identifica de origem étnica alemã.

**Figura 8 - Fotografia de uma parte do plantio de hortaliças de seu Luterano. Na comunidade do Pitangueira em Verê – PR**



**Fonte: Autoria Própria (2022).**

### 3.1.7 Mestre dos Orgânicos

Outro entrevistado foi o Mestre dos Orgânicos, senhor de 60 anos, foi denominando assim pela sua destacada presença na produção orgânica de todo o município de Verê – PR. Quase todos os entrevistados dessa pesquisa são assessorados por ele e pegam as mudas e sementes dele. Ele dá assessoria tanto pela cooperativa COOPERVEREDA, quando individualmente para produtores com certificação orgânica ou em transição para o orgânico, sendo mencionado por todos os entrevistados, mesmo aqueles que não pegam mudas ou tem assessoria dele.

O Mestre dos Orgânicos já foi técnico do CAPA, o que segundo ele foi fundamental para a aplicação dos conhecimentos em sua propriedade de 8 hectares, na qual transformou ela do manejo da agricultura convencional, para totalmente orgânico/agroecológico, apresentou na entrevista muito conhecimento da instituição (CAPA) e de como ele e a produção orgânica/agroecológica cresceram juntos no município. Destacou os aprendizados que obteve através de cursos e visitas/excursões para conhecer propriedades orgânica/agroecológicas de outros lugares do Brasil pelo CAPA, o que ele aplicava tanto com os assessorados pelo

CAPA como em sua propriedade. Sua propriedade serve como um modelo de uma propriedade agroecológica, sendo 100% focada para a produção orgânica (Figura 9), tendo cuidado com as nascentes, uma grande barreira de proteção para a produção orgânica não ter contaminação com os herbicidas das plantações vizinhas, usando várias tecnologias para o cultivo orgânico.

**Figura 9 - Fotografias da propriedade do seu Mestre dos Orgânicos, na comunidade do Alto Alegre em Verê – PR**



**Fonte: Autoria Própria (2022).**

Hoje em dia está aposentado do trabalho que exercia no CAPA, mas ele tem atualmente um papel fundamental na COOPERVEREDA, exercendo o trabalho como assessor técnico da cooperativa e responsável pela compra ou fabricação de mudas para diversos associados, entre outros papéis como um dos dirigentes da cooperativa. Em sua propriedade residem ele sua mulher de 46 anos, seu filho 21 anos e um filho pequeno de 1 ano. Na produção orgânica trabalham ele e seu filho de 21 anos, e um funcionário que contrata mediante da necessidade, normalmente segundo ele 2 vezes por semana. Ele se identifica de origem étnica italiana, ele e sua família são católicos.

### 3.1.8 Rúcula

Outra entrevistada foi a senhora Rúcula, de 55 anos, essa denominação foi por ela sozinha ser responsável por uma enorme produção orgânica de hortaliças de sua propriedade, como também rúculas (Figura 10). O seu marido e filho trabalham na construção civil e sua filha é enfermeira, mas ficou muito explícito na visita e na entrevista seu empoderamento. Ela já foi presidenta da COOPERVEREDA em alguns mandatos, e cuida sozinha de toda a produção orgânica em sua propriedade, tendo uma grande produção de hortaliças, com várias estufas, boas barreiras de proteção, várias caixas de abelhas sem ferrão, e uma propriedade bem bonita, praticamente dentro do perímetro urbano do município de Verê – PR.

**Figura 10 - Fotografias das estufas de hortaliças da senhora Rúcula, próximo do perímetro urbano do município de Verê – PR**



**Fonte: Autoria Própria (2022).**

Como ela faz o trabalho doméstico e cuida da produção, ela mencionou que não haveria muito tempo para a entrevista e para a visita, sendo uma entrevista bem rápida. Conheço ela desde pequeno, estudei com sua filha muitos anos no ensino fundamental e médio, falamos um pouco sobre o dia a dia e partimos direto para as

perguntas sem muitos rodeios. Ela apresentou um grande conhecimento sobre a produção orgânica e sobre agroecologia, relatado espontaneamente em sua fala.

Ela é de descendência polonesa, sua propriedade tem cerca de 4 hectares, e na propriedade residem ela seu marido e seus dois filhos, ela teve várias identificações, mas a principal foi agricultora orgânica, ela e todos da sua família são católicos.

### 3.1.9 Dona-Flor

A última entrevistada foi a senhora Dona-Flor, senhora de 58 anos, ela foi uma indicação ressaltada pelo CAPA, mesmo ainda não tendo o certificado de produção orgânica, mas ela está no processo de transição para obter a certificação pela rede ECOVIDA. Até há pouco tempo ela morava no município de São José dos Pinhais – PR e ao visitar seu filho em Verê conheceu o sogro de seu filho, o qual se tornou seu atual marido, e ela vive agora na propriedade, segundo ela a ideia para a certificação orgânica partiu dela com apoio do CAPA.

A denominamos como Dona-Flor pela grande variedade de flores presentes em sua propriedade, a qual diversifica o cultivo de hortaliças com suas flores, uma propriedade bem diversificada, com algumas barreiras feitas de flores (Figura 11). Na propriedade existem duas casas, uma das casas moram apenas a Dona-Flor e seu marido, e na outra casa moram o filho da Dona-Flor e a sua esposa e os filhos do casal, em toda a propriedade residem 6 pessoas, e a propriedade contém 3 hectares. A principal responsável pela produção orgânica é a Dona-Flor, seu marido e filho trabalham assalariados em um laticínio próximo da propriedade deles, e auxiliam no final de semana e em algum tempo vago do trabalho no laticínio. Dona-Flor se identifica de origem étnica indígena e ela e sua família são católicos.

**Figura 11 - Fotografias da propriedade da Dona-Flor, algumas flores e hortaliças. Na comunidade do Alto Alegre em Verê – PR**



**Fonte: Autoria Própria (2022).**

### 3.1.10 Agricultores Agroecológicos entrevistados

No trabalho foram feitas 9 entrevistas com produtores sendo 6 homens e 3 mulheres dos quais praticamente todos se identificam como agroecológicos, ou estão refletindo sobre o que é a agroecologia. Dos 9 entrevistados apenas um deles se identificou como camponês todos os outros 8 se identificaram como agricultores familiares. Tivemos 5 católicos, 3 luteranos e um gnóstico. Os produtores se identificaram etnicamente como 4 italianos, 3 alemães, uma polonesa e uma indígena.

**Quadro 2 - Dados sobre os produtores agroecológicos entrevistados**

<b>Gênero</b>				
Homens		Mulheres		
6		3		
<b>Idade</b>				
38 a 50 anos	50 a 55 anos	55 a 60 anos	Mais de 60 anos	
2	3	2	2	
<b>Religião</b>				
Católicos		Luteranos		Gnosticismo
5		3		1
<b>Tamanho da propriedade</b>				
De 1 até 5 hectares	De 5 a 10 hectares	De 10 a 20 hectares	de 20 a 40 hectares	De 40 a 90 hectares
2	2	2	1	2
<b>Identificações Étnicas</b>				
Alemã	Italiana	Polonesa	Indígena	
3	4	1	1	
<b>Identificação como camponês ou agricultor familiar</b>				
Camponês		Agricultor Familiar		
1		8		

Fonte: Autoria Própria (2022).

## 3.2 Os dirigentes das instituições

### 3.2.1 Ginesio Berns

O seu Ginesio Berns, 48 anos, é o atual presidente da Cooperativa de Produtores Orgânicos e Agroecológicos do Sudoeste do Paraná – COOPERVEREDA, a entrevista com ele foi na própria sede da cooperativa, onde eles comercializam e se organizam para as feiras na região, entre outras entregas de alimentos, como para os colégios do município de Verê e São Jorge.

Ele também é agricultor, com certificação orgânica. A entrevista sobre a cooperativa foi bem livre, ele falou um pouco também de sua trajetória e de sua família, expondo que começou com a produção orgânica com certificação pelo Instituto

Biodinâmico de Desenvolvimento Rural (IBD) produzindo e comercializando grãos, com auxílio e fomento do CAPA. Ginesio ressaltou bastante sobre a importância do CAPA no auxílio na produção orgânica e agroecológica no município de Verê. No diálogo com seu Ginesio ele salientou que o CAPA ajudou e fomentou o surgimento da antiga Associação de Produtores Agroecológicos de Verê (APAV) que se tornou a COOPERVEREDA, e que ainda presta algumas formas de assistência a alguns agricultores associados a COOPERVEREDA. Sua propriedade total tem 8 hectares.

### 3.2.2 Talita Slota Kutz

A Talita Slota Kutz é a coordenadora da filial do CAPA - Verê e responsável técnica. Ela tem 32 anos, engenheira agrônoma e Mestre em Agronomia pela Universidade Federal Tecnológica do Paraná e reside no perímetro urbano de Verê. Com a Talita tive um diálogo no início da dissertação, sendo intensificado ao longo desses dois anos. As informações repassadas sobre o CAPA foi durante esse período, tanto reuniões (às segundas-feiras na sede), ou no mutirão que participei juntamente com o CAPA em uma propriedade. Em relação as perguntas mais específicas do questionário, elas foram respondidas via WhatsApp por áudio.

De acordo com a Talita o CAPA – Verê atende em torno de 350 famílias na região Sudoeste do Paraná, entre os mais diferentes projetos, desde o auxílio para a transição da produção orgânica e agroecológica, até na manutenção das pessoas no campo, trabalhos de assistência aos indígenas da região e outras atividades.



#### 4 IDENTIDADES DE (RE)EXISTÊNCIA DA AGROECOLOGIA DE VERÊ – PR

Orientado pelo nosso objetivo geral da pesquisa que é compreender como se constituem as identidades culturais dos agricultores/as agroecológicos do município de Verê – PR em processos de (re)existências, buscamos compreender melhor o que é identidade cultural e como ele se configura em nossa atualidade.

No capítulo “Quem precisa de identidade?” do livro “Identidade e diferença” Stuart Hall (2020b) expressa que a construção da identidade cultural de maneira alguma é um processo estável, e sim um processo que está em eterna construção. Para isso o autor aborda sobre o processo de identificação, um processo muito mais individual e subjetivo que a identidade cultural, sendo que “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2020b, p. 106). Algo que nunca está completamente determinado, sendo o processo de identificação algo possível de ganhar e perder, em que em determinado momento uma pessoa pode se identificar com algo e em outro momento não mais. Como ocorre em outras práticas de significação, tais como a da identidade cultural, a identificação também está sujeita a questão da diferença, ou o jogo da diferença, em que muitas vezes eu sou aquilo que eu não me identifico, fazendo delimitações de fronteiras. Diferente da identificação podemos ver a identidade cultural como um processo mais amplo e comunitário do que a identificação, e um tanto mais duradouro.

Orientados por essas reflexões, nas entrevistas (anexo I) fizemos as seguintes perguntas aos agricultores agroecológicos de Verê – PR, “Como você/vocês se identificam quando perguntados o que fazem? Suas profissões? O que é ser agroecológico para o senhor/a? se identifica com essa descrição? Em que sentido?”, para que assim pudéssemos perceber esse primeiro processo que Hall (2020b) expressa para a formação da identidade cultural, o processo da identificação, como exemplo tivemos a resposta do seu Milho Crioulo<sup>7</sup> (2022), agricultor agroecológico, com certificação orgânica no município de Verê – PR, 62 anos, proprietário de um moinho, onde produz farinha de milho orgânica e guardião de sementes, em resposta a essa pergunta disse:

Sou um agricultor agroecológico e pequeno agricultor. No caso da indústria, é mini, porque não chega nem a ser pequeno, é mini [...] Sim, com certeza sou um agricultor agroecológico. Porque a gente sempre, desde os tempos

---

<sup>7</sup> Nome fictício para manter o anonimato do entrevistado

do pai, ali, nunca usava veneno, né? E daí depois, uma época foi plantado fumo, e daí se acabamos [...] se contaminando uma época lá, e resolvemos abandonar de vez os venenos (MILHO CRIOULO, 2022).

Fica evidente esse jogo da diferença na identificação do seu Milho Crioulo, pois quando expressa aquilo que ele não é, ele começa a se identificar com aquilo que ele é, não se identificando com o uso de “venenos” e assim inicia-se suas identificações com questões da agroecologia. Mas esse jogo da diferença de seu Milho Crioulo, não fica restrito apenas ao não uso de herbicidas, fungicidas entre outros, mas também na característica da propriedade, em que ele possui,

Temos 9,7 alqueires, mas deve dar em torno de uns 35% mais ou menos, de área de mata, até os caras do IBAMA disseram, o por que você não aluga, isso aí? Não adianta daí, o cara de repente vem ali, está alugado, torna em pó, e coisa e tal, deixa quieto, deixa em mata, deixa (MILHO CRIOULO, 2022).

E como expressa Buttel (1995), a agroecologia é um modo de fazer agrícola do cuidado, com a terra, com a água, com o ar, com os alimentos e com a alimentação das pessoas, ou seja, cuidado com as pessoas e cuidado com o mundo natural e social. Fazendo da produção agrícola não apenas sem o uso de herbicidas e adubos químicos e sementes geneticamente modificadas, mas sim de uma transformação de toda a propriedade, tendo cuidado com a natureza e com as pessoas de uma forma sustentável e digna.

Nessa perspectiva expressada por Buttel (1995), vemos o relato do seu Luterano (2022) que converge em partes com essa concepção, no seu relato para a transição para a produção certificada orgânica:

Comecei, faz 5 anos atrás, com o orgânico e agroecológico. Quando eu tava na cidade, já tinha a intenção de voltar pra produzir hortaliças, né? Verduras, já dentro da área orgânica, né? Então eu peguei orientação no CAPA ali, daí eles me orientaram no processo. Fiquei 3 anos em transição, numa área sem usar adubo, sem usar veneno. Depois comecei na cooperativa. Daí tivemos que modificar um pouco a propriedade, criar barreiras, essas coisas assim. E umas partes já tinha barreiras e umas tivemos que ter que fazer. Tem áreas ainda que a gente tá fazendo a transição que tem que implantar ainda, né? Ainda não tá 100%. E as nascentes a gente já tinha protegidas lá no meio do mato.

Nesse sentido, podemos ver o relato do seu Luterano (2022) sobre transformação da propriedade com características essenciais para um fazer agroecológico, e as falas da autoidentificação do seu Milho Crioulo convergentes às características agroecológicas expressadas por Buttel (1995).

Essas identificações que seu Milho Crioulo (2022) expressa são características que fazem parte da base para a construção de sua identidade cultural, que é muito maior e mais complexa que essas identificações, englobando também suas características étnicas, religiosas, entre muitas outras identificações. Como exemplo a fala do irmão do Milho Crioulo que reside também na propriedade, e produz uvas, seu Parreiral Italiano, de 60 anos,

Ontem mesmo veio o “Vizinho”<sup>8</sup>, ele veio aqui, ele chegou aqui, estacionou o fusquinha dele e foi levar o milho pro “Milho Crioulo” para fazer a farinha do milho pra ele lá e tal. Ele falou assim, eu gosto dessas coisas, eu vim aqui e eu gosto de olhar o capricho que você tem, mas isso aqui só italiano tem, alemão não faz isso. Eu perguntei, mas por quê? Ele falou não é da nossa índole, já o italiano você pode ir na casa de qualquer italiano tem um pé de parreira, e falou agora nem tanto, mas antigamente na casa do italiano se não tivesse parreira não era a casa do italiano. Ele falou, já no nosso lado, o que tinha nos alemães? Era queijo, era nata, era leite, era não sei mais o que. E assim, como posso dizer, cada ajuntamento de uma raça tinha uma característica específica, eu achei interessante isso. Eu não tinha me tocado, ele falou, eu gosto de vir aqui olhar isso porque eu sei que essa dedicação que você tem eu não tenho. Eu não vou conseguir parar, ir lá pegar cacho por cacho da parreira, fazer isso, fazer aquilo que se faz, então ele falou assim, realmente é uma coisa da identidade da raça, e eu achei interessante isso eu não tinha me tocado porque a gente faz (PARREIRAL ITALIANO, 2022).

Essas características e identificações étnicas expressas pelo Parreiral Italiano, remetem a uma identidade cultural italiana. É possível observar o processo no qual Hall (2020b) apresenta como o jogo da diferença, em que a diferenciação de um sujeito da etnia alemã e a de um sujeito da etnia italiana, se dá pela diferença dos dois, ou seja, a própria identidade se constrói pelo outro, quando você não é ele, você constrói sua própria identificação e identidade, como nesse relato expresso por seu Parreiral Italiano, sendo a forma de identificação dos sujeitos do diálogo se deu pelas diferenciações dos dois. Dessa forma, seu Parreiral Italiano, buscou reafirmar sua identidade através da sua diferença, e assim da sua família e da sua propriedade, com isso podemos começar a trilhar o processo para se aproximar de algumas características que constroem a identidade cultural do senhor Milho Crioulo e do senhor Parreiral Italiano.

Michelle Briskievicz (2012) aborda a relação da identidade com o território, tratando de como se configurou o território do município de Francisco Beltrão - PR<sup>9</sup>, a partir da constituição de identidade dos migrantes de descendência Italiana ligada a

<sup>8</sup> Durante as falas que são usadas no contexto dessa dissertação, quando algum entrevistado se referiu a alguém usando o seu nome, foi usado aspas para a manutenção do anonimato dos entrevistados.

<sup>9</sup> Município vizinho do de Verê – PR, o qual carrega muitas semelhanças histórico-culturais.

formação da identidade dos imigrantes europeus no sul do Brasil. A autora em sua pesquisa dá uma ênfase maior para o papel migrante de descendência italiana, na composição cultural e territorial do município de Francisco Beltrão – PR. Briskievicz (2012, p. 28) apresenta como a identidade do italiano migrante se modificou, ou seja, não é a mesma identidade do imigrante italiano que se instalou no estado do Rio Grande do Sul com a do que migrou para o Sudoeste do Paraná, pois surgem “novas territorialidades e características identitárias, através da incorporação de novos elementos e relações sociais que surgem através do tempo.”

Desta maneira, podemos compreender a identidade cultural de um sujeito em um processo contínuo de transformação, e assim a identidade do seu Milho Crioulo e do seu Parreiral Italiano, não são as mesmas identidades de um descendente de italiano do estado do Rio Grande do Sul e não é a mesma identidade de um italiano nato, pois todos os processos, históricos, migratórios, sociais e territoriais afetam a construção identitária dos sujeitos.

Hall (2020; 2020b), ao tratar sobre a noção de identidade cultural, busca expressar a transformação no decorrer da história sobre esse termo, e como se configura a identidade cultural na nossa atualidade. Abordando desde como foi as transformações do sujeito do iluminismo em que formava sua identidade cultural a partir do seu interior, iniciando essa formação ao nascer e se desenvolvendo em seu interior, totalmente centrado no indivíduo em sua razão e sua essência do “eu”. Na modernidade, se deu o processo no âmbito mais complexo, a identidade liga-se ao sujeito sociológico, formando uma identidade cultural desses sujeitos com maior concepção de alteridade, com uma maior interação entre o “eu” e a sociedade, mas ainda mantendo uma noção interior do “eu”. Assim preenchendo o espaço entre o interior e o exterior, interiorizando a exterioridade em seus significados e valores, tornando o exterior como parte da identidade cultural do sujeito sociológico. Formando uma forte relação do sujeito com o exterior, trazendo uma estabilidade aos mundos culturais que eles habitam, expressada fortemente por questões nacionais e étnicas (HALL, 2020). Esses aspectos identitários ainda são observáveis, com repercussões desse tipo de identificação e identidade, como no relato do seu Parreiral Italiano.

Segundo Hall (2020, p. 12), temos ainda a transformação da identidade cultural do sujeito sociológico para o pós-moderno<sup>10</sup>, processo que ainda ocorre<sup>11</sup>, em que as estruturas tidas como estáveis e inabaláveis da modernidade, em que a identidade cultural do sujeito sociológico fortemente se ancorava no mundo moderno e nos estados nações, começam a ruir. Com isso começa a se dar espaço a um novo tipo de identidade cultural, a do sujeito pós-moderno, em que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.”

Desta forma, levamos em conta que a identidade cultural dos sujeitos da nossa atualidade<sup>12</sup>, assim como a do seu Milho Crioulo e Parreiral Italiano que usamos como primeiro exemplo, não é formada unicamente por uma identidade coesa e estável ou em um estado nação delimitado, como foi a identidade do sujeito sociológico, mas sim por diversas identidades e identificações. Explana Hall (2020, p.12) que a “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, pois nesse período histórico da nossa atualidade, que o autor chama de modernidade tardia, vivemos em um outro estágio da globalização. Todos os cantos do mundo se interconectam e temos informações em tempo real, de guerras, olimpíadas, acesso a programas de TV e demais notícias do mundo todo, em instantes. Esses diversos contatos, com diferentes culturas e identidades, pelos mais diversos tipos de mídias, afetem a construção identitária, fazendo com que possamos ter diversas “identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

Simultaneamente, com a crise da modernidade e o ruir das suas estruturas surge essa crise da identidade que perpassa as estruturas da modernidade tardia e do sujeito pós-moderno e essa crise

[...] é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

---

<sup>10</sup> Deve-se um adendo aqui, pois para Stuart Hall ele não vê o pós-moderno como ruptura com o processo histórico-social-cultural moderno, mas sim o pós-moderno como uma esfera que vai além do moderno, carregando todas suas características com algo a mais. E ele compreende os sujeitos da atualidade mergulhado em várias esferas históricas, alguns mais outros menos em algumas.

<sup>11</sup> Podemos compreender que simultaneamente existam os três sujeitos que contemplam as diferentes identidades culturais, um tanto menos o sujeito do iluminismo. Da mesma forma que historicamente coexiste diferentes tempos históricos.

<sup>12</sup> Ou como coloca Hall (2020), Modernidade Tardia.

A crise de identidade é apenas uma das crises modernas, ou apenas uma parte de uma única crise maior que assola nossa contemporaneidade, nesse mesmo sentido a agroecologia é um reflexo dessa crise moderna. Como apresenta Caporal (2009), ao falar sobre a agroecologia a partir de diversas concepções norteadoras, expressa que ela é parte de uma base multidisciplinar, englobando os mais diversos conhecimentos, se tornando uma ciência holística, com foco na realidade, englobando o passado o presente e o futuro.

Nesse sentido, Caporal (2009) apresenta a agroecologia como uma solução para as diferentes crises que vivemos, sendo uma delas a crise ambiental, que é apenas um dos resultados de uma crise que é muito maior, pois é a crise do processo civilizatório, em que se desestabiliza epistemologicamente noções humanas/sociais. Já a crise ambiental não é vista com os mesmos olhos de outras crises ou como uma catástrofe eminente, Héctor Alimonda (2011, p. 163) argumenta o quão devastador a crise ambiental foi nas últimas décadas, ao apresentar dados em que

Sólo a modo de ejemplo cabe consignar que entre 1990 y 2000, la expansión de la agroindustria y la minería significaron la deforestación de 467 mil km<sup>2</sup> en toda la región; sólo en la Amazonia brasileña, en 2004 se llegó al lamentable récord de 26 mil km<sup>2</sup> de bosque nativo arrasado. De la mano de las grandes industrias celulósicas y de las transnacionales agroindustriales, los monocultivos forestales alcanzaron a cubrir más de 5 millones de hectáreas en Brasil y la agricultura transgénica llegó a ocupar 140 mil km<sup>2</sup> en la Argentina. En Paraguay, la superficie de estos cultivos de exportación pasaron de ocupar 8 mil km<sup>2</sup> a 20 mil km<sup>2</sup> entre 1995 y 2003, en tanto que em Bolivia se incrementaron en 10 mil km<sup>2</sup>, en el mismo período.

Através desses dados apresentados pelo autor, podemos ver o quão gigantesco os impactos ambientais estão sendo, observando as consequências que as concepções modernas de progresso ocasionaram nessas últimas décadas, e que podemos concluir que estamos sim vivendo em uma crise ambiental. Alimonda (2011) defende a ideia de que a crise ambiental é, na verdade, uma crise social, pois é resultado da forma como as sociedades se organizam e se relacionam com o meio ambiente. Segundo o autor, a crise ambiental atual é o resultado de décadas de exploração desenfreada dos recursos naturais e de políticas públicas e privadas orientadas para o crescimento econômico a qualquer custo. Isso tem levado ao esgotamento dos recursos naturais, à degradação do meio ambiente e ao aumento da vulnerabilidade das comunidades mais pobres e desprotegidas.

Essa crise iminente foi relatada pelos entrevistados em vários momentos. Como no caso do Mestre dos Orgânicos (2022), que relata a dificuldade da produção

de alimentos orgânicos pelos produtores agroecológicos, com a contaminação de agrotóxicos vizinhos, relatando que é “um problema muito sério da maioria dos agricultores que produzem orgânico, é um problema seríssimo.”

Seu Milho Crioulo (2022) também relata um episódio danoso em relação ao uso e consequência de agrotóxicos ao dizer que em “uma época foi plantado fumo [...] a mãe acabou se contaminando, uma época lá, e daí resolvemos abandonar o tal do veneno.”. Em vários momentos da entrevista seu Milho Crioulo retomou esse acontecimento e como foi penoso a recuperação de sua mãe por essa intoxicação.

A senhor Couve-Flor também expressou episódios de degradação ambiental e problemas com questões de agrotóxicos de vizinhos que prejudicam a produção orgânica e agroecológica. Relatou um episódio, “até vi agora no grupo nosso que o ‘Pipoca Crioula’ colocou que ontem passaram veneno com aquele drone, e isso vai prejudicar muito, vai acabar com os pequenos, acho que é isso que eles querem acabar com os pequenos”.

Alimonda (2011) também argumenta que a crise ambiental não é um problema apenas dos países mais pobres, mas sim um problema global que exige ações coordenadas e solidárias de todos os países. Existe a necessidade de se promover mudanças radicais na forma como as sociedades se relacionam com o meio ambiente, incluindo a mudança do modelo econômico atual, baseado no crescimento econômico infinito, para um modelo mais sustentável e justo.

Alimonda (2011), argumenta ainda, que a colonização foi acompanhada por uma ideologia de dominação e exploração da natureza, que foi reforçada pelo pensamento científico moderno e pela economia capitalista. Como resultado, a natureza é frequentemente vista como um recurso a ser explorado e dominado em vez de ser um ambiente vivo e interconectado em que todos os seres vivos inclusive os humanos estão ligados pois fazem parte do todo que é a natureza, o meio ambiente.

O autor faz uma crítica forte da forma como a colonização e o pensamento moderno influenciaram a forma como a natureza é percebida e tratada, e chama atenção para a necessidade de enfrentar a colonialidade da natureza como parte da luta pela justiça social e ambiental. Afirma também que a ideologia de dominação da natureza é um aspecto fundamental da opressão sistêmica e da desigualdade global, e que é necessário enfrentá-la de forma decisiva se quisermos construir uma sociedade mais justa e sustentável. Ele também destaca a importância de reconhecer

que a luta pela justiça ambiental e pela conservação da natureza estão intimamente ligadas à luta por justiça social e libertação mais amplas e que não podem ser vistas de forma isolada.

Nesse sentido, podemos ver a agroecologia como uma ciência que busca fazer seu peso para trazer um equilíbrio na balança da crise ambiental, sendo feita pelos mais diferentes sujeitos, mas principalmente os do campo que se identificam com questões agroecológicas. E para abordar esses sujeitos que fazem a agroecologia precisamos compreender o contexto que estão inseridos e a construção de suas identidades. Ao perguntar ao seu Pipoca Crioula (2022), “Como era e é hoje em dia suas relações com a natureza no seu processo de produção?”, ele nos respondeu fazendo paralelos com o tempo do seu pai,

nós na época do meu pai, que eles trabalhavam tocavam isso aqui, tinha mais área desmatada do que tem agora, agora tem mais área reflorestada do que tinha antigamente, porque eu tô plantando frutas, plantando árvores. E os caras passam aqui e dizem, “isso aí nem é, nem é uma propriedade, é um quissaçal”, né? Mas aí tudo o que você olhar, cada planta tem a sua serventia aquela é uma planta remédio, aquela lá é um pé de limão, aquela é um pé disso, pé daquilo.

Através desse relato do senhor Pipoca Crioula, é possível compreender a transformação de sua propriedade, mas não só, vemos a mudança de uma concepção identitária que reflete em sua propriedade. Uma identidade em harmonia com concepções agroecológicas, do cuidado com as plantas, com a preservação delas e diferentes tipos de cuidados que englobam questões agroecológicas.

Seyferth (2011), historiadora e antropóloga brasileira, buscou uma compreensão dessas identidades no contexto rural brasileiro, com maior especificidade em casos no sul do Brasil. Especificamente, seu trabalho “Campesinato e o Estado no Brasil”, a autora aborda diferentes questões sobre a identidade das/os camponesas/es. A partir de uma lente ampla, dentro do meio rural brasileiro, a autora relata que existem múltiplas identidades camponesas, mais ou menos inseridas na lógica de mercado e na modernização. Diferentes tipos de identidade dos agricultores e agricultoras, também, diferentes identificações dentro dos mais diversos grupos sociais presentes no campo, onde a autora apresenta que o termo campesinato, diante desse contexto, acaba sendo um termo de difícil definição.

Diante desse aspecto expresso por Seyferth (2011), podemos observar a diversidade dos produtores entrevistados, nas diferentes identificações, tipo de



propriedades e tamanho, etnias, modos de produção e diferentes modos de inserção na lógica de mercado e na modernização. Nesse contexto, buscamos fazer perguntas aos agricultores sobre definições identitárias, como eles as compreendem e qual definição se identificam, fazendo a pergunta “O que você entende por ser um agricultor familiar e um camponês? Você se enxerga em algum desses conceitos? Por quê?”, nessa pergunta tivemos respostas e identificações divergentes, como na resposta do seu Milho Crioulo:

Eu acho que familiar seria o cara que é pequeno agricultor que trabalha dentro de uma pequena propriedade e tem uma produção que ele consiga vender, no caso, ou que vende boa parte da produção dele [...] E o camponês acho que é mais o cara que vive no campo, um pouco mais isolado, que seria o meu caso, que vive um pouco mais de extrativismo, do que a propriedade produz, como pode dizer, ele retira da propriedade o viver dele, a sobrevivência dele, dentro da propriedade ou viver nele, ou sobrevivência dele. [...] É, eu acho que hoje em dia se for ver, se for ver seria mais camponês porque a gente tem abelha, tem as fruteiras que é tudo natural, tem o milho, tudo que é produzido é tudo dentro aqui, tudo da própria propriedade (MILHO CRIOULO, 2022).

Em sua resposta Milho Crioulo se identificou como camponês, já por outro lado temos a visão do seu Pipoca Crioula, que mesmo em nossa visão antropológica de sua realidade e propriedade se aproxime muito da realidade do seu Milho Crioulo, ele tem uma visão diferente sobre um agricultor familiar e camponês e uma identificação também diferente, ao responder a mesma pergunta assim:

É... e é duas coisas distintas né? porque o camponês ele é uma coisa assim tipo que ele vem da descendência quase dos quilombolas né? O camponês né? que ele se acampou, ele é quase puxando mais pro MST, né? que daí é os acampados, os camponeses que daí tem tudo uma... um negócio de luta ali? Que nem nós, já é mais terras que eu não sei como é que eu podia explicar, que vem de heranças, nós é agricultura familiar mesmo né? porque já a terra tá da família há três, quatro geração né? E vai ficar, se depender vai ficar muito mais tempo (PIPOCA CRIOULA, 2022).

Já a agricultora Couve-Flor, 56 anos, se identifica semelhante ao Pipoca Crioula, como vários outros produtores agroecológico entrevistados, se identificando como agricultora familiar e não camponesa. Couve-Flor expressou o seguinte quando perguntada:

Agricultura familiar é um agricultor de pequeno porte, que tem uma propriedade pequena, E camponês pode ser o que trabalha na terra, ou mesmo que não tenha terra, e a agricultor familiar aquele que tem posse de terra, e o camponês eu entendo como que trabalha no campo. Me identifico com a agricultura familiar (COUVE-FLOR, 2022).

Com essas autoidentificações, mesmo que os sujeitos não compreendam bem ambos os termos (o que é difícil até para a academia uma definição dos sujeitos que se enquadram em ambos os termos), podemos ir ao encontro com o que Giralda Seyferth (2011, p. 400) apresenta, em que “o campesinato entre os grupos dominados, consideram a classe camponesa como modelo por excelência de ‘classe objeto’”. Pois em muitos casos o camponês é tirado da construção da sua própria identidade pela classe dominante, para uma identidade já pré-definida, fazendo uma folclorização do camponês pelos outros que transforma sua identidade de um pequeno produtor para um guardião da natureza. Possivelmente esse contexto expresso por Seyferth (2011) ocorre com os agricultores agroecológicos entrevistados.

O desafio em compreender a construção identitária dos sujeitos no âmbito da condição camponesa, inseridos nas transformações históricas e atuais que tendem a alterar o modo de vida agrícola/camponês para o modo moderno capitalista de produção requer levar em conta as profundas consequências que essas transformações acarretaram na sociedade, como o êxodo rural, inchaços de cidades, transformações nas identidades dos agricultores; e na natureza, como perda da biodiversidade, desflorestamento, contaminação solo e água, entre outras. Nesse sentido, levamos como premissa que boa parte dos camponeses que se inserem nesse novo modo de vida praticamente imposto a eles, passou por profundas transformações culturais e adquiriam novas perspectivas de vida, tanto de adesão como de resistências.

Nessa mesma pergunta, “O que você entende por ser um agricultor familiar e um camponês?”, tivemos a resposta do Senhor das Parreiras (2022), 38 anos, agricultor agroecológico com certificação orgânica, que respondeu que:

Tipo, agricultor familiar, produção ali na família, vamos dizer assim, que nem eu, o pai, a mãe, agricultores familiares. Camponês, nunca ninguém tinha me perguntado isso. Eu acho que não tem muita diferença, vamos dizer assim, familiar e camponês. Eu acho que seria a mesma coisa.

Essa resposta vai ao encontro com a definição de Godoi, Menezes e Marin (2009, p. 11), em que as autoras apresentam que a condição camponesa é muito diversa, incluindo diversos sujeitos das mais diferentes identidades, territórios e modos de produção. Para as autoras no “caso da formação da sociedade brasileira, formas camponesas coexistem com outros modos de produzir, que mantêm relações

de interdependência”. As autoras compreendem a agricultura familiar como parte do campesinato, sendo um grupo extremamente plural, diverso, resistente, mas ao mesmo tempo adaptável as diversas transformações modernas, a exemplo da Revolução Verde. Como diz Seyferth (1995, p. 395), o “camponês e campesinato são palavras maiores, indispensáveis, úteis, mas também imprecisas e de árdua definição diante da diversidade do universo empírico ao qual estão referidas.”

Seyferth (1995, p. 397) ainda, ao apresentar esse grande desafio conceitual em estabelecer aquilo que constitui o campesinato, e a necessidade de se abordar o contexto na aplicação do conceito campesinato, busca ressaltar “que as definições são ferramentas do pensamento e não verdades que duram para sempre.” Além disto, a autora apresenta a dificuldade que autores de diferentes vertentes tem em compreender uma economia não capitalista<sup>13</sup> e o modo de vida camponês.

Do mesmo modo ao pensar agricultura familiar, fica difícil uma definição exata. O termo agricultura familiar<sup>14</sup> começou a ser utilizado pelo governo Federal do Brasil em 1996, em que foram englobados diferentes tipos de agricultores na agricultura familiar, como muitos camponeses que haviam uma maior ligação à natureza, agricultores fortemente inseridos na lógica de mercado e até mesmo agricultores que praticavam uma agricultura de subsistência. Com isso, o termo agricultura familiar e campesinato são passíveis de várias interpretações, e na visão de diferentes autores sobre os termos é perceptível visões discrepantes sobre como e quem é o produtor que compõem a agricultura familiar e o que compõem o campesinato.

Nesse sentido, Wanderley (2003, 2009) traz uma concepção de “ruptura e continuidade” entre os dois conceitos, o campesinato e agricultura familiar, em que a autora não aceita a continuidade simplesmente de um campesinato, nem a ruptura completa que lega ao campesinato o atraso no “desenvolvimento”. Wanderley (2003, p.54), apresenta o agricultor familiar como aquele que “conhece de modo especial e detalhado a terra, as plantas e os animais que são seus, e que, por esta razão, sente-se comprometido com o respeito e a preservação da natureza”. Sendo esse agricultor um produtor que não apresenta tanta inserção na lógica capitalista, compondo a agricultura familiar (WANDERLEY, 2001).

---

<sup>13</sup> Modo que Giralda Seyfeth (1995) e outros diversos autores como Karl Polany (1957), Chayanov (1966) Thorner (1966) e Kerblay (1971) definem a economia campesina, sendo uma economia própria de renda familiar e não individual, com características que não conseguem ser definidas pelas teorias capitalistas.

<sup>14</sup> Já era utilizado amplamente na academia e em movimentos sociais antes de 1996.

A definição oficial do Governo Federal que está disponibilizada online em relação a agricultura familiar é a de que

Na agricultura familiar a gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda. Além disso, o agricultor familiar tem uma relação particular com a terra, seu local de trabalho e moradia. A diversidade produtiva também é uma característica marcante desse setor, pois muitas vezes alia a produção de subsistência a uma produção destinada ao mercado. (BRASIL, 2019)

Também há descrição de que conforme a Lei n.º 11.326, de 24 de julho de 2006, que define a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e os critérios para a identificação desse público,

é considerado agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, possui área de até quatro módulos fiscais, mão de obra da própria família, renda familiar vinculada ao próprio estabelecimento e gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento pela própria família. (BRASIL, 2006)

Nessa definição legal, para ser da agricultura familiar é necessário ter no máximo quatro módulos fiscais. Levando em consideração que no Brasil o módulo fiscal varia de 5 a 120 hectares de acordo com a legislação de cada estado e de cada cidade. O enquadramento como agricultor vai depender de sua realidade local, segundo a legislação que está submetida de acordo com os poderes estaduais e municipais.

No estado do Paraná, um módulo fiscal também varia entre os 399 municípios do estado, no município de Verê - PR, segundo a prefeitura e o site oficial da EMBRAPA, um módulo fiscal é de 20 hectares, sendo assim, para ser considerado agricultor familiar segundo o governo federal, no município de Verê, é necessário ter menos de 800 mil metros quadrados de terra, ou seja, 80 hectares (EMBRAPA, 2021).

Wanderley (2001, p. 23) ainda explana sobre a relação entre camponato e agricultura familiar, que ambas são muito próximas em suas definições, em que ambas mantêm relações entre a família, propriedade e trabalho bem semelhantes, e que há uma continuidade entre elas. Nesse sentido Wanderley apresenta que “a agricultura camponesa tradicional vem a ser uma das formas sociais de agricultura familiar”.

Com esses pontos de reflexão sobre os termos, camponês e agricultor familiar, podemos compreender melhor as diferenças das respostas dos nossos sujeitos analisados em suas identificações, pois até mesmo no meio acadêmico são termos de difíceis definições e que muitas vezes se confunde, e possivelmente se torna mais

difícil para o produtor agroecológico analisado uma identificação diante desses termos. Como no caso do seu Urtigão (2022), ao ser questionado sobre o que é um camponês, ele responde: “nem sei o que significa isso na verdade, um camponês para mim não é agroecologia, tipo nós é uma coisa o camponês é outra e se existe isso aqui de camponês acho que não tem”.

Para nossa busca de compreender como se constituem as identidades culturais dos agricultores/as agroecológicos do município de Verê – PR em processos de (re)existências, nos deparamos com essa tarefa difícil que já é expressa por diferentes autores, a de definição do que é agricultor familiar e camponês. Ao refletir diferentes pensamentos, chama a atenção a amplitude dada ao conceito de condição camponesa trazida por Godoi, Menezes e Marin (2009, p. 9), em que afirmam que o campesinato é extremamente plural, “constituído por poliprodutores, integrados ao jogo de forças sociais do mundo contemporâneo”, que se relacionam com outros diferentes modos de produção, e engloba até mesmo “os agricultores familiares mais especializados, integrados aos modernos mercados” (p. 11). É um grupo resistente, mas ao mesmo tempo adaptável as diversas transformações modernas, como exemplo as transformações da Revolução Verde. Sendo o camponês um sujeito que vive e produz no meio rural, com mão de obra predominantemente familiar, que não se insere totalmente na lógica de mercado do sistema capitalista e não é dependente/refém dessa lógica para a sua produção, seja em sementes, insumos, entre outros produtos, e ainda as autoras de Godoi, Menezes e Marin (2009, p. 11) completam que,

O campesinato emerge associadamente ao processo de seu reconhecimento político, ora negativo, ora positivo. Por tais circunstâncias, a questão política, constituída para o reconhecimento social, enquadrando tal segmento de produtores sob a perspectiva de sua capacidade adaptativa a diferentes formas econômicas dominantes, ora pensadas pela permanência, ora por seu imediato ou gradual desaparecimento.

Mesmo sendo um ponto difícil ao cientista social definir a identidade de um sujeito por si, podemos partir para uma compreensão das características dos agricultores agroecológicos pesquisados, que manifestaram em suas falas e em suas práticas esta identidade. Mesmo compreendendo diferentes identidades e identificações dos produtores agroecológicos no município de Verê, podemos observar uma unidade nos processos de identificação e de (re)existências através da agroecologia. Os 9 produtores entrevistados se identificam com a agroecologia, ou

estão refletindo sobre o que é ser agroecológico, e se enquadram totalmente ou em partes com o nosso referencial teórico do sujeito agroecológico.

Nos relatos dos produtores temos essas identificações, como o Mestre dos Orgânicos (2022), “Eu me considero um produtor agroecológico”, o seu Luterano (2022), “a gente está caminhando para andar dentro da agroecologia.” Seu Urtigão (2022) “nós começamos com orgânico, hoje nós já chamamos mais de agroecologia”, Dona-Flor (2022) “Eu me considero, hoje eu me considero agroecológica”. Seu Milho Crioulo (2022), ao ser questionado se ele se identifica como um agricultor agroecológico, responde “Sim, com certeza.”, seu Pipoca Crioula (2022) ao ser questionado pela mesma pergunta simplesmente responde: “Sim!”. Os demais entrevistados não responderam apenas como uma afirmação direta, ou ainda não tem claro sobre a questão do que é ser um sujeito agroecológico.

E ao fazermos a pergunta do nosso roteiro de entrevista, “[...]O que é ser agroecológico para o senhor/a? [...]”, tivemos várias respostas diferentes, como a da Dona-Flor (2022), que respondeu:

Que faz parte da vida, da saúde, do amor, da esperança de um mundo melhor, pra nossos filhos e netos que estão crescendo aprender, porque a gente vai cuidar da natureza, a gente vai cuidar da saúde, e a gente vai cuidar da vida do próximo, e a maioria das pessoas não pensam assim. Então pra mim é tudo, pra mim hoje que eu estou trabalhando com isso, eu acho que é uma união, a agroecologia é uma união de tudo!

Podemos observar nesse relato da Dona-Flor (2022) a concepção expressa anteriormente por Caporal (2009), em que o autor define a agroecologia como uma ciência holística, que como disse Dona-Flor (2022), “a união de tudo”. Seu Luterano (2022) relata um pouco do processo até momento do seu fazer agroecológico

Fiquei 3 anos em transição, numa área sem usar adubo, sem usar veneno[...]. Em umas partes já tinha barreira e umas tive que fazer. E ter cuidado com as nascentes, o que sempre tivemos, a maioria estão lá no meio do mato[...] a preocupação com a natureza, com a produção de um alimento limpo.

Nesse sentido, Hall (2020) expressa que existem grupos que resistem à lógica globalizante e que buscam conservar suas identidades locais, e/ou tem uma identidade em comum gerada em suas identificações de resistência ao grupo hegemônico, como exemplo o caso das comunidades “Black”, no contexto britânico que é utilizado por Hall (2020, p. 51). Pois, mesmo que essas pessoas desse contexto tenham diferentes identidades, seja ela “cultural, étnica, linguística ou mesmo físicas” elas são vistas e tratadas como “‘a mesma coisa’ (isto é, não-brancas, como o ‘outro’)

pela cultura dominante”. Podemos assim presumir ao fazer paralelos com essas análises do autor, que o nosso grupo pesquisado possivelmente também forma uma identidade através de suas (re)existências ao grupo hegemônico.

Hall (2020) expressa ainda nesse contexto, que vários sujeitos distintos podem criar uma identidade em comum além da resistência ao grupo hegemônico, como também não se identificando com o hegemônico. Podemos assim ter uma compreensão de uma unidade identitária dos produtores agroecológicos pesquisados, mesmo diante do pluralismo desses sujeitos, mas gerando uma unidade inicialmente em suas identificações e possivelmente em suas (re)existências ao comporem as dinâmicas da agroecologia no município de Verê – PR. Pois, em todas as 9 propriedades agroecológicas visitadas os sujeitos que ali produzem se consideram agroecológicos, e assim se apresentam como uma (re)existência a agricultura convencional que é quase totalmente antípoda a agricultura agroecológica. Sendo que a agricultura convencional, como traz Buttel (1995), é responsável por diversos prejuízos nas forças biofísicas do nosso planeta, desgastando-o demais e o exaurindo.

Buttel (1995), discorre sobre os processos que a sociedade a partir de 1970 passou, de profunda crença na ciência e no progresso, que afetou diretamente o campo com a Revolução Verde e a vida dos sujeitos desse meio. Fazendo com que a agricultura convencional causasse também diversos malefícios ao contexto social, ocasionado, principalmente, pela sua ligação à lógica industrial e capitalista nesses processos modernizantes. Assim a agricultura convencional, segundo o autor, traz também malefícios físicos as pessoas e ao planeta, o que estamos encarando atualmente após alguns anos decorridos da Revolução Verde, observando esses malefícios seja no profundo esgotamento dos recursos naturais, na devastação das florestas, poluição dos ares, águas e terra pelo agronegócio/agricultura convencional, mas não só por eles. Além da insegurança alimentar que os alimentos desse tipo de agricultura geram, seja pelo baixo valor energético e vitamínico ou pela disparidade social que através da concentração fundiária, associada a pobreza e a fome (BUTTEL, 1995).

Malefícios esses que Buttel (1995) apresenta que podem ser observados no uso de pesticidas da agricultura convencional, pois representam riscos para a saúde humana. Na exposição crônica a pesticidas está associada a problemas de saúde, como distúrbios neurológicos, problemas respiratórios, distúrbios hormonais e até

mesmo câncer. Além disso, o consumo de alimentos com resíduos de pesticidas pode representar riscos para a saúde dos consumidores. A agricultura convencional muitas vezes leva à degradação da qualidade do solo. O uso excessivo de fertilizantes sintéticos pode causar a acidificação do solo e a perda de nutrientes, afetando a fertilidade a longo prazo. Além disso, o uso de práticas intensivas de monocultura pode aumentar a erosão do solo e reduzir sua capacidade de retenção de água.

E o escoamento de fertilizantes e pesticidas das áreas agrícolas para os corpos d'água pode causar a poluição da água. Esses produtos químicos podem contaminar aquíferos subterrâneos, rios e lagos, prejudicando a vida aquática e afetando negativamente a qualidade da água potável. A agricultura convencional muitas vezes prioriza a produção em grande escala de um número limitado de culturas, resultando na perda de diversidade genética. Além disso, o uso de pesticidas pode afetar negativamente insetos benéficos, polinizadores e outras formas de vida selvagem, contribuindo para a diminuição da biodiversidade nas áreas agrícolas.

Esses processos expressos por Buttel (1995) podemos observar através das falas dos sujeitos pesquisados, como a preocupação seu Luterano (2022) em se alimentar de produtos saudáveis o que segundo ele o trouxe para a produção orgânica e agroecológico, ao relatar que:

a preocupação com a produção com veneno, né? Que é uma coisa perigosa, né? Que causa problema de saúde, e por ter um alimento limpo. E a gente já tava na cidade, e consumia produtos de baixa qualidade, e voltando pro interior, pelo menos produzir o que a gente come diferente, né.

E seu Milho Crioulo (2022) expressa também essa preocupação, ao relatar que “você via que cada vez o veneno vinha tomando conta” e os malefícios que o uso desenfreado de agrotóxicos causa, e o pouco cuidado dos produtores com essa questão ao relatar que

E a gente tinha um vizinho pro lado de cá, mas isso faz acho que mais de uns vinte. Ele tinha plantado tomate ali, mas o cara passando o veneno e você sabia que era aqueles venenos tarja vermelha. No mínimo vinte dias para colher. E o cara passando o veneno e os outros atrás colhendo tomate dentro das caixas e vamos levar para o mercado. Imagina isso, pelo amor de Deus. E aí você começa a ver essas barbaridades.

E ainda seu Milho Crioulo (2022) relata a preocupação com a sua alimentação saudável e dos outros, ao relatar que buscavam

produzir coisas saudáveis, a gente sempre teve essa ideia, o que eu não quero para mim eu não vou te dar!. Como pegar um feijão dessecado e dizer



que é bom, pois sei o que eu como[...] como o cara que planta feijão, ele deixa seu pedacinho para trás, para consumir, sem dessecar.

Com esses relatos podemos refletir sobre os malefícios dos agrotóxicos e da utilização deles na região, de acordo com o artigo "Perfil do uso de agrotóxicos no sudoeste do Paraná (2011–2016)" (GABOARDI; CANDIOTTO; RAMOS, 2019), o uso excessivo de agrotóxicos na região está trazendo vários malefícios, tanto para a saúde humana quanto para o meio ambiente. Alguns dos principais riscos mencionados são para a saúde humana em que, o uso excessivo de agrotóxicos pode causar efeitos tóxicos em seres humanos, incluindo danos ao sistema nervoso, problemas respiratórios, além de aumentar o risco de câncer e outras doenças graves. Em relação a isso temos a fala da senhora Couve-Flor, ao relatar que: “eu acho que o veneno está matando muita gente, né? E desde pelo meu marido, do câncer de pele dele, eu acho que é isso”.

Os autores apresentam também os malefícios ao meio ambiente, pois esse uso excessivo de agrotóxicos pode contaminar solos, águas subterrâneas e cursos d'água, prejudicando a biodiversidade e causando danos irreparáveis ao meio ambiente. E para a qualidade dos alimentos, pois a presença de resíduos de agrotóxicos nos alimentos pode afetar a qualidade e a segurança dos alimentos produzidos na região.

Essa concepção e preocupação com alimentos saudáveis é expressa por seu Luterano (2022), “a gente quando morava na cidade, já consumia produtos de baixa qualidade, voltando pro interior, pelo menos produzir o que a gente come diferente, né.” Os autores Gaboardi, Candiotta e Ramos (2019, p. 22), apresentam que “em 2014 já se registrava uma média de 7,3 litros de agrotóxicos indiretamente consumidos por habitante no Brasil”, e que nos 27 municípios analisados entre 2014 e 2016 na Região do Sudoeste do Paraná, apenas 7 municípios ficaram abaixo dessa média nacional. Essa pesquisa traz uma contribuição importante para a compreensão da situação do uso de agrotóxicos na região do Sudoeste do Paraná e para a discussão sobre a importância de se promover práticas agrícolas mais sustentáveis. Além disso, o texto destaca a importância de se desenvolver alternativas aos agrotóxicos, a fim de garantir a produção agrícola de forma sustentável e proteger a saúde humana e o meio ambiente.

Buttel (1995), apresenta sobre os movimentos ecológicos atuais, que já observam esses malefícios e buscam alternativas para um desenvolvimento agrícola

sustentável, fomentando a produção e consumo de alimentos orgânicos, e o cultivo em propriedade agroecológicas, que repensam o social e o ecológico. Nesse sentido, podemos observar a identificação dos sujeitos pesquisados em rumo a processos de (re)existência, ao convencional, pois como apresenta Porto-Gonçalves (2010, p. 47), “mais do que resistência, o que se tem é R-Existência posto que não se reage, simplesmente a ação alheia, mas, sim, que algo pré-existe e é a partir dessa existência que se R-Existe. Existo, logo resisto. R-Existo”.

Como no caso do seu Milho Crioulo (2022), ao dizer os processos da agricultura convencional disse:

Mas a gente percebe que tem muitos excessos, é gente muito gananciosa, [...] não interessa a maneira que ele produz, interessa ele produzir para ter o lucro dele, e hoje em dia é uma prática normal, e para eles não interessa quem consuma, não está interessado na saúde de quem consome, importante ele produzir, produzir em larga escala e faturar o dele.

E a (re)existir ao sistema de agricultura convencional seu Milho Crioulo (2022) também expressa que “não adianta nós sonhar que ‘rico’ nós não vamos ficar” e conclui assim, “vamos tentar produzir coisas saudáveis, que a gente sempre teve essa ideia, o que eu não quero para mim eu não vou te dar”. Couve-Flor (2022) também expressa sua (re)existência aos processos de financiamento para sua produção e de assistência governamental, ao mencionar que

o governo devia dar mais assistência eu penso assim[...] a gente não tem aqueles financiamentos eles nem olham pra essa parte orgânica eles querem só os grandes, né? [...] então, nós assim, como você diz, nós não temos assistência, né? se não é por essa parceria assim dos pequenos a gente não tem nada, né? nada, nada

E conclui dizendo que agora o consumo e procura por alimentos saudáveis e orgânicos tem aumentado

agora tá... até que tá bem mais avançado, né? os orgânicos por causa que tá acontecendo muita doença assim, né? que tá tendo pesquisa, estão falando, né? [...] é que não faz muitos anos que começaram a plantar assim com veneno e coisa, uns 30 anos no máximo, né? que tá direto, acho que uns 30 anos aí que vai começar a aparecer os resultados nas pessoas, né?

Desse modo, podemos observar que Couve-Flor (2022) (re)existe em um meio que incentiva fortemente a agricultura convencional e pouco se olha e se auxilia a agricultora orgânica e agroecológica. Salaria sobre a importância de alimentos saudáveis e os malefícios que os agrotóxicos trazem, até mesmo causado em sua

família ao relatar que: “eu acho que por causa do veneno está matando muita gente, né? E pelo meu marido do câncer de pele, eu acho que é disso”.

Podemos observar vários modos de (re)existência da dona Couve-Flor (2022) diante de seus processos de produzir e viver através da produção agroecológica e orgânica, mas da manutenção de seus modos de cultivo, como ao relatar:

Porque mesmo antes de eu não plantar assim, pra estar esses projetos pra entregar, nós nunca usava veneno pra nosso consumo. Nunca, nunca! Então, daí a gente foi vendo, né? Que tinha uma oportunidade, né? Nisso de vender pras pessoas assim...

Luis Gustavo Rios: Não precisou modificar muita coisa então?

Couve-Flor: Não

E podemos observar isso em diversos sujeitos pesquisados, que mantiveram seus modos e costumes do fazer agrícola, buscaram ampliar a produção que antes era voltada apenas para o consumo próprio, mas agora voltada para a comercialização. Como no caso do seu Urtigão (2022) que relata esse processo, “nós começamos em 2002, mas antes já tinha a horta, para alimento essas coisas” (sic).

E podemos observar isso em praticamente todos os entrevistados, na manutenção de seus modos de fazer agrícola, que agora voltado para uma renda e no auxílio da manutenção deles no campo. Como expresse anteriormente por Porto-Gonçalves (2010), esses sujeitos, não apenas resistem a agricultura convencional, a falta de incentivo e assistência governamental, a falta de financiamentos, a pressão de grandes produtores para comprarem suas pequenas propriedades. Eles também (re)existem ao meio de todos esses processos, (re)existem com os seus modos de produzirem os seus alimentos, (re)existem na forma que se mantém unidos pelo CAPA e principalmente pela cooperativa deles, a COOPERVEREDA, que exerce um papel fundamental nesta (re)existência através da renda obtida pela venda de seus alimentos na cooperativa.

Apesar de todos esses processos que a modernidade trouxe para a agricultura, e como afetou e afeta os sujeitos pesquisados, sujeitos que resistiram a movimentos que expulsaram muitos do meio rural. Um movimento que busca apenas um monocultivo e com isso apenas o lucro, como esses sujeitos puderam não apenas resistir a esses processos modernos, mas também se reinventar, (re)existindo, adaptando-se, mas ainda mantendo diversas características de sua cultura e identidade, expressa em suas identificações e propriedades (PORTO-GONÇALVES, 2010; HALL, 2020; 2020b).

Mas ao pensar como a agroecologia e os sujeitos pesquisados que se identificam com ela e a praticam no município de Verê – PR são uma (re)existência a agricultura convencional, temos que refletir melhor como os processos históricos, políticos e sociais transformaram o campo e a agricultura. Ao pensar o campo fica evidente as transformações que a Revolução Verde trouxe, em um processo que modificou profundamente o meio rural brasileiro, transformando as características da população rural e os meios de produção. Abramovay (2003) aponta que o processo da Revolução Verde se constitui na inserção dos camponeses na lógica moderna, do dinheiro e do consumo frequente, compreendendo-se como a capitalização do campo, inserindo os camponeses na atual lógica da modernidade capitalista.

Nesse sentido, o seu Pipoca Crioula (2022) ao falar sobre seu fazer agroecológico, mencionou sobre esses processos em sua prática, em que ele

bate principalmente contra as grandes empresas, contra a semente deles, a Bayer é os venenos, a Monsanto é veneno e semente, a Syngenta que na verdade é a Monsanto e Syngenta, está tudo uma a mesma diretoria. E a Monsanto então ela tanto produz o melhor remédio como o melhor veneno, então ela atua nos dois lados, né? causa a doença e dá a cura, e cada vez mais milionário os caras, cada vez mais rico, e quero ver quem consiga derrubar essa turma.

Podemos observar nessa fala do seu Pipoca Crioula (2022) alguns processos que a agroecologia, e que no seu fazer agroecológico, se mostram (re)existentes aos processos modernos da Revolução Verde, e das empresas capitalistas que visam o lucro acima de qualquer tipo de consciência ambiental e social.

Schneider e Escher (2011, p. 204) expõem sobre o processo de modernização da agricultura/Revolução Verde, apresentando que,

Apesar do relativo sucesso nos quesitos produção e produtividade, este modelo reproduziu as desigualdades distributivas na propriedade e na renda, gerou êxodo rural, desemprego nos campos e nas cidades, marginalização urbana, exclusão social e econômica, e desarticulação regional dos processos de desenvolvimento econômico.

Pois sem políticas que previssessem essas consequências da Revolução Verde, no acolhimento dessa população, muitas pessoas foram praticamente expulsas do campo, ficaram excluídas socialmente, o que gerou pobreza e fome, condições claramente vistas na atual lógica social brasileira. Em que as políticas públicas apenas são direcionadas a esse processo contínuo que gera o êxodo rural. Milton Santos em 1993 já apresentava dados de que em “1940, quando a população urbana representava 31,2% da população total brasileira, somente o Sudeste ultrapassava

esse índice, com cerca de 39% de urbanos”. Podemos assim concluir que a população do Brasil, até a metade do século XX, era predominantemente rural e vivia de alguma forma no campo, mantendo alguma ligação próxima com a natureza e a agricultura, porém, 40 anos depois, “em 1980, é a região Sudeste a mais urbanizada, com um índice de 82,79%. A menos urbanizada é a Região Nordeste, com 50,14% de urbanos, quando a taxa de urbanização do Brasil era de 65,57%.” (SANTOS, 1993 p. 58). A população se torna predominantemente urbana sendo, entre vários aspectos que incidem sobre tal fenômeno, um deles relacionado aos resultados da Revolução Verde.

No Sudoeste do Paraná o êxodo rural também foi observado, como apresenta Hieda Maria Pagliosa Corona (1999), em 1991 a população da região era 51% rural, já em 1996 passou a ser apenas 46%. No ano de 2010 no Sudoeste do Paraná, a população rural era inferior a 30% fonte;

[...] essa diferença entre população urbana e rural foi ainda mais acentuada, pois 70,23% da população viviam nas cidades, enquanto a população rural passou a ser de 29,77%, levando a uma queda de 21,96% da população rural em 20 anos, intensificando o grau de urbanização (CANDIOTTO; RAMOS. 2019, p. 46).

A Revolução Verde ocorreu na segunda metade do século XX, fazendo com que a agricultura passasse a ser um dos setores a serem inseridos fortemente na lógica de mercado, transformando os saberes e vivências agrícolas em um modo de vida a ser inserido no capitalismo moderno (ABRAMOVAY, 2003). Esse processo englobou a agricultura campesina, na qual, se guardava uma parte das sementes das colheitas para uma nova safra, e o manejo da terra se destacava, pois era desenvolvido com cuidado e respeito pela natureza, solo e animais. Os saberes eram passados através de costumes tradicionais de geração para geração. Com a Revolução Verde esses saberes se transformaram diante de saberes da ciência moderna, pois passaram a ser considerados atrasados, transformando bruscamente a agricultura e a cultura dos sujeitos que a compõem (PLOEG, 2009).

Saberes esses modernos que transformaram a relação da agricultura com o solo, com a água, com o ar e com as sementes. Tornou as sementes das colheitas estéreis para uma nova plantação, fez com que só fosse possível a produção através da utilização de produtos químicos industriais para a adubação e tratamento do solo. Para essas novas plantações foram necessários, herbicidas, fungicidas e inseticidas

compatíveis com essas plantas, desencadeando assim uma transformação social, cultural e da natureza.

Mas claro que houve e há resistência campesina a esse processo até hoje (SEYFERTH, 2011). Como no relato expresso anteriormente pelo entrevistado Milho Crioulo (2022), que expressou o acontecimento maléfico com agrotóxicos, um dos motivos que os levaram fortemente para a produção agroecológica, em que relatou: “a gente sempre desde os tempos do pai, ali, nunca usava veneno, né? [...] depois, em uma época foi plantado fumo, e daí a mãe acabou se contaminando, uma época lá, e daí resolvemos abandonar o tal do veneno.”

Nesse sentido, Caporal e Costabeber (2002) defendem que a multidisciplinaridade é a base científica agroecológica para enfrentar o enorme impacto prejudicial que a agricultura convencional da Revolução Verde ocasionou e ocasiona, tanto na parte ambiental como no contexto social agrícola. A agroecologia, assim, é uma diretriz para a transformação desse cenário ruinoso da agricultura convencional, e devemos ter o cuidado para não cair em definições erradas do que é agroecologia, que acabem partindo para concepções mais preocupadas com o econômico do que propriamente com o cuidado com o social e ambiental. Em conjunção com essas ideias apresentadas, temos o relato do Mestre do Orgânico (2022), ao ser questionado o que seria uma agricultura agroecológica, ele responde que a

produção agroecológica, já eu vejo assim, ela envolve toda a propriedade, envolve lixo, erosão, barreira, você se preocupar com a propriedade como um todo, preservar a água, ter a mata ciliar, estar dentro da legislação, eu acho que é uma produção orgânica integrada com o meio ambiente, eu diria assim!. É uma coisa que você preserva a sua propriedade, ali seria uma produção agroecológica, eu vejo nesse sentido.

Nesse relato do Mestre dos Orgânicos (2022), podemos ver sua concepção do fazer agroecológico do cuidado com a natureza de uma maneira ampla e consciente. Caporal e Costabeber (2002, p. 71) tratam sobre esse conceito, da agroecologia, e como o conceito vem sendo usado (mesmo com boa intenção) erroneamente por muitos. Sendo expresso por eles que a ideia da agroecologia pode se aproximar melhor do real conceito sendo "um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agricultura sustentáveis". Os autores expressam que a agroecologia é uma ciência que busca trazer transformação na agricultura

convencional, não apenas no manejo, mas sim de toda a parte social que engloba a agricultura, levando-a para uma agricultura sustentável.

Com a identificação de todos os sujeitos entrevistados com a agroecologia, pudemos ver também através do nosso aporte etnográfico, tanto as características de alinhamento com as identificações com a agroecologia, como observar (re)existências à agricultura convencional e aos processos da Revolução Verde. Diante do contexto da modernidade tardia, desde as últimas décadas do século XX até os dias atuais, com enormes transformações em todas as áreas, seja urbana ou rural, uma expansão do capitalismo e dos mercados em todos os cantos do planeta, mudanças na agricultura, na maneira de se fabricar e de trabalhar, e com diferentes maneiras de contato com as novas tecnologias. Toda essa conjuntura ocasionou um enorme “boom” da atual globalização, gerando um rápido e massivo bombardeio de informações de todo e em todo o planeta, gerando crises de pertencimento e assim crise de identidade dos sujeitos, como dito anteriormente. No entanto, Milton Santos (2000, p. 19) ao refletir sobre uma outra possibilidade de globalização ressalta que

Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.

Diante de todo esse contexto, os sujeitos (nas palavras de Hall (2020)) pós-modernos, que atualmente têm contato com inúmeros tipos de identidades culturais, pelos mais diversos tipos de mídias, modificam a sua construção identitária, caracterizando uma identidade plural, uma mescla cultural do local e do global e assim ocasionando uma crise de identidade (HALL, 2020). Em conotação com essas concepções de Santos (2000) e Hall (2020), temos o relato do Mestre dos Orgânicos, em que se mostra uma bela síntese desses pensamentos de ambos os autores, sobre a perspectiva moderna do mercado e da transformação identitária pensada em foco do lucro/exploração dos sujeitos, ele disse assim:

[...] para os grandes empresários, não é bom que tenha 30, 50, 100 milhões passando fome? imagina uma coisa, imagine que eu sou empresário, eu tenho 800 empregados, imagine, todo mundo está morrendo de fome e você está ali, comendo ovo, e o cara te diz assim, o João, você quer trabalhar aqui? eu te dou eu te dou mil, milhão por mês, você quer? “Eu quero”. O cara não vai dizer assim, “eu preciso comer”. E eles são loucos para mandar todo mundo embora do campo, quanto menos gente estiver no campo, é ótimo para eles, tem mais gente na cidade para trabalhar.

E o Mestre dos Orgânicos ao falar sobre seu trabalho e de sua família com a agricultura e produção orgânica/agroecológica ele mostra preocupação com a exploração do sistema capitalista, e relata,

eu paro de trabalhar com orgânico, e eu estou ficando velho, meu filho não ganha mais dinheiro, o que ele vai fazer? Ele vai dizer, pai, eu vou arrumar um emprego, eu vou para a cidade, e ele vai, e aí eu fico velho, a veia fica veia, aí vamos vender o sítio e vamos para a cidade, e aí o que o agronegócio o que vai dizer? mais um burro ali que eu peguei, né? É isso que eles querem, mas é que bota na cabeça desse povo pobre ali, que o que eles querem é explorar eles apenas.

Ademais, dentro de todo esse contexto capitalista, industrial, de uma sociedade voltada para o consumo, percebe-se também uma tentativa de formar uma única identidade globalizante, que atinja de certa maneira todas as pessoas do planeta, pois diante desse contexto histórico, ultrarrápido, em que tudo acontece e se dissolve com muita facilidade. Há uma liquidez em tudo, as identidades se configuram para o consumismo. Uma identidade global aproximada facilita o processo do consumismo e do marketing, ferramenta essencial na modernidade tardia, para que se possa vender com facilidade um mesmo produto em todos os cantos do planeta (HALL, 2020; SANTOS, 2000; BAUMAN 1999).

Mas diante disso, ao mesmo tempo, cria-se formas de resistências a essa lógica cultural globalizante, fazendo com que haja “juntamente com o impacto do ‘global’, um novo interesse pelo ‘local’” (HALL, 2020, p.45) e

[...] ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. Este “local” não deve naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. [...] É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”.

Sendo observado esse contexto submergido em todos os sujeitos pesquisados, essa adaptação entre o “novo” e o “velho”, seja no modo de produzir resgatados de seus pais ou avós e adaptados em noções agroecológicas, ou com novas conjunturas de redes e cadeias curtas, para a comercialização de seus produtos através de uma unidade em cooperativa. Sendo uma adaptação do global com o local, na questão de produção orgânica certificada, em que a produção deles chegam a diversos consumidores de todo o estado do Paraná, que trazem uma noção global de alimentos



saudáveis, com a questão do local, a produção agroecológica/orgânica do município de Verê.

Ao observar essa relação local-global, podemos ver uma tendência do consumo de alimentos orgânicos no mundo influenciar o local. O Organic Trade Association (OTA) é uma organização comercial americana que fornece informações sobre o mercado de alimentos orgânicos nos EUA e no mundo. Eles publicam relatórios anuais sobre o mercado, incluindo dados sobre vendas e crescimento. Segundo dados da organização apresentados em seu site, com associação de dados do Research Institute of Organic Agriculture (FiBL, 2021) estimaram que as vendas orgânicas globais no varejo atingiram US\$ 126 bilhões em 2019, um aumento de 34% em relação a 2016, enquanto a área total dedicada à produção orgânica global atingiu 179 milhões de acres, um aumento de 24% em relação a 2016 (OTA, 2023).

Esse crescimento foi impulsionado por uma série de fatores, sendo um dos motivos possivelmente a questão de identificação com uma alimentação saudável, do aumento da conscientização dos consumidores sobre os benefícios dos alimentos orgânicos, maior disponibilidade de produtos orgânicos e crescente preocupação com a saúde e o meio ambiente. E com isso agricultura orgânica está sendo impulsionada pela expansão da demanda do consumidor, demonstrando um crescimento global sustentado.

Podemos ver através desses dados da OTA e da FiBL, que temos um aumento progressivo da demanda por alimentos orgânicos, principalmente nos Estados Unidos da América, como apresenta a OTA (2022), do aumento do consumo e de áreas de cultivos de grãos orgânicos. Atualmente temos ainda os EUA como um internacionalizador de sua identidade nacional, se inserindo fortemente no cenário mundial e principalmente ocidental. Herança ainda do processo *American Way of Life*<sup>15</sup>, através das mais diferentes formas de mídias (filmes, séries, músicas, etc), e através do mercado, ressaltando firmemente o *American Way of Life*.

A partir dessa perspectiva, podemos observar uma tendência identitária que pode seguir o mundo com a importação da identidade estadunidense, com isso um fluxo maior de busca de alimentos orgânicos e uma maior demanda na produção

---

<sup>15</sup> Processo que se deu no pós Segunda Guerra Mundial, e no contexto da Guerra Fria, em que os EUA buscavam ressaltar e engrandecer o modo de vida capitalista estadunidense/ocidental.

desses alimentos. Podemos observar uma tendência do mercado global, e com isso a relação do global com o local, em que o local (Verê – PR) motivado por uma maior demanda do consumo dos alimentos orgânicos, aumenta o incentivo da produção, e assim fomenta um maior cuidado com toda a propriedade nesse processo de produção.

Todos os entrevistados têm a certificação orgânica pela rede de agroecologia ECOVIDA, ou estão no processo para receber a certificação pela rede. A ECOVIDA é uma rede que busca contribuir de forma horizontal e descentralizada na organização de famílias produtoras, grupos informais, associações e cooperativas. Autores como Perez-Cassarino (2012, p. 40) expressam que a “rede Ecovida é, muito provavelmente, a maior forma de expressão em favor da agroecologia na região Sul do Brasil na atualidade.”

No site oficial da rede de agroecologia ECOVIDA (2022) é apresentado 15 objetivos/missões da rede, sendo o primeiro deles “Garantir a identidade popular e transformadora na continuidade da construção histórica da agroecologia, contemplando aspectos ambientais, sociais, econômicos e culturais”. Os demais objetivos são norteados pelas questões de cuidado ambiental, social e cultural através de perspectivas agroecológicas, diante desse contexto podemos ver o entrelaçamento de perspectivas locais com perspectivas globais. Como Hall (2020, p. 80) expressa, “a globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental”, que as identidades se influenciam nesses processos de dominação e globalização e o consumo/mercado veem atrelado a todas essas questões.

Alfio Brandenburg (2017) aborda em seu texto "Ecologização da agricultura familiar e ruralidade" a importância da agroecologia e da agricultura familiar para a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. Ele destaca a relevância da rede ECOVIDA, que se tornou uma referência no país por sua atuação na promoção da agroecologia em rede. O autor destaca que a rede ECOVIDA surgiu a partir da iniciativa de um grupo de agricultores familiares preocupados com a saúde e o meio ambiente. A rede se expandiu ao longo dos anos e hoje conta com a participação de mais de 400 agricultores familiares, que produzem alimentos orgânicos e agroecológicos em diversas regiões do estado.

Segundo o autor, a agroecologia em rede praticada pela ECOVIDA envolve a cooperação entre os agricultores familiares, técnicos e consumidores, com o objetivo de construir um sistema de produção e consumo sustentável e justo. Essa estratégia

envolve a diversificação da produção, a conservação do solo e da biodiversidade, o fortalecimento dos vínculos sociais entre os agricultores e a comunidade local, além da promoção da educação ambiental e alimentar (BRANDENBURG, 2017).

Brandenburg (2017) destaca ainda que a ECOVIDA promove diversas atividades para fortalecer a agroecologia em rede, como feiras agroecológicas, intercâmbios entre agricultores, capacitações e certificação participativa de produtos orgânicos. Ele ressalta também que a rede se tornou um exemplo bem-sucedido de como a agroecologia pode funcionar em rede. Promovendo a cooperação entre agricultores, técnicos e consumidores para construir um sistema de produção e consumo justo e sustentável. No mais, o autor destaca que a ECOVIDA é um exemplo de como a agroecologia em rede pode ser uma estratégia eficiente para promover o desenvolvimento rural sustentável e a soberania alimentar no Brasil. Ele ressalta por fim que é importante fortalecer e apoiar iniciativas como essa, que promovem a agricultura familiar e a agroecologia, para garantir um futuro mais sustentável e justo para as comunidades rurais.

Com isso, motivações globais, de consumo de alimentos saudáveis e orgânicos, uma maior consciência ecológica e com o cuidado com o planeta, se entrelaçam com questões locais, como as dos produtores agroecológicos de Verê – PR pesquisados. Através do resgate de diversas maneiras de cultivos de seus antepassados (bisavós, avós, pais) que os sujeitos apresentaram nas entrevistas, se relacionam com essa tendência do mercado global que está em alta, o do consumo de alimentos orgânicos. O Mestre dos Orgânicos (2022) relata essa questão do mercado dos alimentos orgânicos, falando que,

A agricultura orgânica, ela custa barato, mas dá mais mão de obra, quem tem a mão de obra na propriedade e tem as técnicas adequadas, por exemplo, tem um trator, um subsolador, para fazer os canteiros tem um sistema de irrigação bom vai ter mercado para os produtos dele

A produção mais importante para 9 entrevistados são as hortaliças como alface, rúcula, couve-flor, tomate, entre outras. Usando predominantemente mão de obra familiar ou unicamente deles, e plantam o que sua mão de obra e sua propriedade permite. Vários demonstraram que se conseguissem produzir mais teria mercado, como expressou o Mestre dos Orgânicos (2022) sobre essa demanda “a cooperativa precisa e não tem plantador, então vai a gente auxiliar.” Grande parte da comercialização dos entrevistados ocorre através da Cooperativa dos Produtores

Orgânicos e Agroecológicos do Sudoeste do Paraná (COOPERVEREDA), como relatou o presidente da cooperativa Berns (2022), os alimentos através da cooperativa chegam a merenda escolar do município de Verê e de São Jorge d'Oeste – PR, e a consumidores das mais diferentes localidades do Sudoeste do Paraná e do Paraná como expressaremos no capítulo a seguir.

## 5 REDES DA AGROECOLOGIA DE VERÊ – PR: O COLETIVO COMO PARTE DA IDENTIDADE CULTURAL

Todos os sujeitos entrevistados têm uma relação com a cooperativa COOPERVEREDA e com o CAPA. No caso da COPERVEREDA, em entrevista com o presidente da cooperativa seu Ginesio Berns (2022), expressou que, uma boa parte da produção dos cooperados é vendida para redes de distribuição, que levam direto aos consumidores, como a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (UNICAFES) e a Federação de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Estado do Paraná (FECAFES). Assim os alimentos orgânicos são direcionados aos consumidores tanto do Sudoeste do Paraná quanto de Curitiba, Toledo, Londrina e demais regiões e municípios do estado do Paraná (BERNS, 2022).

Podemos observar com isto uma resistência que a unidade em cooperativa traz, em adaptar-se a um mercado mais amplo mantendo sua identidade local. Uma cooperativa possui características únicas, em suas formas de gestão e no compartilhamento com os cooperados, que as tornam flexíveis e capazes de se adaptar às mudanças do mercado sem perder sua conexão com a comunidade local. Além disto, a COOPERVEREDA também comercializa direto com os consumidores, nas feiras na região, algumas feiras com apoio da Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR) de Pato Branco – PR, comercializando direto na universidade e em diversos bairros<sup>16</sup> na cidade de Pato Branco - PR, através das feiras. Assim trazendo às pessoas um alimento saudável e de qualidade, com um preço muito mais acessível, pois ao diminuir o circuito da rede, entre produtor e consumidor, se diminui custos, além da valorização da produção e da rede local.

Ginesio Berns (2022), comentou sobre a relação com o CAPA – Verê, destacando que esse teve forte influência no surgimento da APAV em 2001, na assistência aos produtores que formaram a APAV e no auxílio da fundação da própria instituição, que em 2015 transformou-se em COOPERVEREDA. Disse ele, “não tem como falar de uma rede alimentar ‘alternativa’ em Verê – PR sem falar do trabalho do CAPA”.

---

<sup>16</sup> Projeto denominado “Feira no bairro”.

O Centro de Apoio e Promoção a Agroecologia - CAPA é uma organização não-governamental da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, iniciando seu trabalho no processo na resistência a Revolução Verde no país, em 15 de junho de 1979, na cidade de Santa Rosa no estado do Rio Grande do Sul. Conforme seu site oficial, a entidade nasceu quando agricultoras e agricultores eram expulsas e expulsos do campo, pelo modelo de desenvolvimento chamado de Revolução Verde

[...] um pacote de modernização baseada na produção agrícola em grande escala, no uso intensivo de agrotóxicos e na mecanização, rompendo com a lógica da agricultura familiar. Já ali, a proposta do CAPA se fundamentava na disseminação de práticas econômica e ecologicamente sustentáveis, entre famílias produtoras rurais, oferecendo alternativas para a permanência no campo (CAPA, 2021).

No processo de Revolução Verde, como em demais processos capitalistas no atual sistema vigente, geraram e geram diversas invisibilidades e muitos agricultores que não adentravam no sistema convencional de agricultura, que foi e é praticamente imposto pela Revolução Verde (através de políticas públicas brasileiras de crédito, pesquisa e extensão rural), foram e são marginalizados e, de certa forma, expulsos do campo. É através dessas invisibilidades que acontecem no campo que o CAPA atua, pois, tal “invisibilidade”, sendo dos povos e comunidades tradicionais, associados as ideologias de desenvolvimento baseado em premissas universalistas, tem, historicamente, resultado em processos como o êxodo rural, a favelização nos centros urbanos, o aumento da pobreza e a degradação ambiental dos territórios tradicionais. Isto também com baixo investimento em esforços na promoção do desenvolvimento sustentável de comunidades tradicionais e pequenas comunidades, o que gera diversos tipos de desigualdades (SILVA JÚNIOR; SOUZA, 2009).

O CAPA em Verê - PR foi fundado em 1996, com o propósito de atuar em prol da agricultura familiar e principalmente camponesa na região Sudoeste do estado do Paraná, para desenvolver uma produção e comercialização de forma associativa, solidária e agroecológica, com base no apoio mútuo e na solidariedade. Assim subsidia os produtores com conhecimentos, insumos para a alavancagem da produção e também com materiais, para manutenção dos processos produtivos e sua concepção. Promove assim, a união de agricultoras e agricultores familiares, visando à diversificação da produção e comercialização, além de desenvolver tecnologias que preservem o meio ambiente (CAPA, 2021; KUTZ, 2022).

Na fala de Berns (2022), muitos agricultores iniciaram na produção orgânica e se tornaram certificados através do trabalho do CAPA, inclusive ele, que iniciou seu trabalho na certificação orgânica pelo Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural produzindo e comercializando grãos. O CAPA também ajudou e fomentou o surgimento da Associação de Produtores Agroecológicos de Verê - APAV que hoje em dia se tornou a COOPERVEREDA, e ainda presta algumas formas de assistência a alguns agricultores associados a COOPERVEREDA. No mais podemos supor que um dos fatores da população de Verê – PR se manter predominantemente rural possa ser pelo trabalho do CAPA, desde de 1996, sendo uma das missões dessas instituições ajudar a manter agricultores/camponeses no campo (CAPA, 2021).

O CAPA e, de alguma forma, a COOPERVEREDA trazem um contexto de manutenção e de resgate ao modelo campesino, na busca de benefícios ao meio ambiente e a sociedade, amparando-se em redes alimentares alternativas. Porter e Van Der Linde (1995) afirmaram que a adoção de práticas de gestão ambiental por parte das organizações tende a gerar uma situação “ganha-ganha”, onde tanto o meio ambiente quanto o desempenho produtivo são favorecidos. Fato que é percebido, pela sociedade quando esta opta por produtos de origem agroecológica, e assim valorizando os produtores e fomentando o modelo de base agroecológica.

Podemos compreender a COOPERVEREDA como uma rede alimentar alternativa, pois ela se desvincula da produção convencional de alimentos. Matte *et al.* (2016, p. 14) apresenta que

Em determinados locais, as economias alternativas têm esculpido posições relativamente independentes no sistema alimentar, o que evidencia o incentivo desse movimento à construção de mercados justos, com base na mudança dos consumidores, que optam por formas de alimentação alternativa, reforçando práticas de estímulo à produção local.

Mas o que seria as redes alimentares convencionais, para entender melhor as redes alimentares alternativas. Ploeg (2008) utiliza o conceito “Impérios Alimentares” para tipificar esse modelo de sistema alimentar hegemônico, modelo que traz gigantescos prejuízos sociais, ambientais e para a saúde das pessoas, dentro da lógica capitalista industrial que visa o lucro acima de tudo. O autor apresenta que os impérios alimentares se apresentam no controle de sistemas alimentares globais, incluindo a produção, distribuição, processamento e comércio de alimentos em escala mundial. Outra característica de um império alimentar é a convergência tecnológica, onde várias tecnologias são combinadas para aprimorar a produção, distribuição e

comercialização de alimentos. Essa convergência tecnológica muitas vezes leva à padronização de processos e produtos, o que pode ter consequências negativas para a diversidade cultural e biológica.

Matte *et al.* (2016, p. 13) apresenta ainda que “com exigências crescentes tanto sobre a qualidade nutricional como sobre a disponibilidade, evidenciam a relevância das reflexões sobre as estratégias alimentares e os modelos de abastecimento das sociedades no século XXI.” Desta forma, cada vez mais se evidencia e se valoriza a rede local e alimentos mais saudáveis, refletindo com o que os autores apresentam, nas formações de redes alimentares alternativas, com alimentos mais saudáveis e baratos é que vivemos, possivelmente, um momento de maior valorização do local, mas de uma forma diferente.

Podemos novamente refletir com Hall (2020) nesse contexto, que ao mesmo tempo em que vivemos em um momento de identidades globalizantes que “absorvem as demais identidades culturais em uma só” através do enorme “boom” da atual globalização, (gerada pelas mídias, propagandas, internet e demais diferentes formas), a identidade local e uma nova noção do local afloram. Provavelmente como um reflexo de movimento de (re)existência a essa noção globalizante, como um suspiro na tentativa da manutenção da identidade cultural local.

Nessa mesma concepção podemos, também, compreender que “os alimentos também possuem um significado cultural que não só produz identidades sociais como também caracteriza estilos de vida” (MATTE *et al.*, 2016, p. 13). Assim, podemos refletir que quem busca as redes alimentares, alternativas como no cenário analisado, dos sujeitos da agroecologia de Verê - PR, possui uma identidade cultural alternativa da convencional, escapando um pouco da norma, na busca de alimentos mais saudáveis e de qualidade e na valorização de redes locais.

As redes auxiliam diretamente no remodelamento de como o poder do capital age nos sistemas agroalimentares. Onde a coerência dos consumidores em relação ao alimento, dos passos que esses percorreram para chegar a sua mesa, desenvolvem um peso moral na escolha por produtos não degradantes. Gerando o pensamento construído através de experiências e vivências, onde é construído o tecido social, que serve de aporte para a sociedade organizada, que preza por modelos que fujam do convencional.

Para Ellis (2000), o desenvolvimento de produtores em situação de vulnerabilidade está fortemente atrelado as instituições e entidades, sendo elas



essenciais para a ascensão desses sujeitos, facilitando o acesso a informações e a diversos tipos de capitais, formando uma relação entre os atores sociais e as instituições. Ellis (2000) discorre que as principais carências dos produtores em vulnerabilidade social estão atreladas com a “plataforma de ativos ou estoques de capital” de que eles detêm ou que lhes carece no caso, tais como o capital físico (sendo os maquinários e insumos), o capital natural (a água e a terra), o capital humano (educação e recebimento de assistência técnica), capital social (associações, cooperativas e demais instituições) e o capital financeiro (renda, financiamentos).

Em Verê – PR, é facilmente perceptível na produção agroecológica e orgânica do município uma unidade dos produtores. Inicialmente pela relação comercial da cooperativa COOPERVEREDA, outra pelo processo de certificação em que todos produtores do município são certificados pela rede ECOVIDA, e claro pelo processo que o CAPA empregou e emprega no município com esses produtores.

No nosso escopo das 9 propriedades analisadas, todos os produtores entrevistados mencionaram o importantíssimo trabalho do CAPA, para o desenvolvimento de suas propriedades e dos seus conhecimentos em quesitos agroecológicos e de produção orgânica. Como no caso do seu Luterano (2022) que relata o início de seu processo na produção sustentável, “Eu peguei orientação no CAPA, daí eles me orientaram o processo, como fazia”. No relato do seu Milho Crioulo (2022) “o Verê é um pouco mais referência em relação agroecologia na região, mas justamente por causa do CAPA.”

E mais, como seu Pipoca Crioula (2022) relata sobre o CAPA, “a importância deles é muito grande, [...] e eles tem que continuar com esse trabalho, porque esse trabalho deles aí se parar daí vai se perder muita coisa vai ser lascado, muito ... pior”. A senhora Couve-Flor (2022) relata, “eu sempre falo lá pro CAPA, que eles dão assistência também pra nós, né? Que foram eles que incentivaram a gente a começar.” Ou até mesmo como seu Urtigão (2022) relata, “o CAPA foi bastante importante, se não fosse eles acho que não estava aqui não.”

Além disso, foi observado também, no fazer agroecológico dos sujeitos pesquisados (mas não apenas eles) o desenvolvimento de uma unidade de cooperação em torno de um sujeito, o qual o denominamos como o Mestre dos Orgânicos. Praticamente todos os entrevistados que produzem hortaliças tem uma relação muito importante com ele. É ele quem faz as mudas, dá assessoria para a

produção, explicando aos produtores qual a melhor planta para a atual época do ano para o cultivo, entre outros fatores. Como relata seu Luterano (2022):

[...] tipo o “Mestre dos Orgânicos” ele produz e daí produz pra mim também daí eu acabo comprando dele, a gente não tem muito tempo pra cuidar das mudas, aí pego do “Mestre dos Orgânicos” mudas produzida já no sistema orgânico

Do mesmo modo a senhora Couve-Flor e o senhor Urtigão, quando questionados se recebem alguma assistência técnica responderam: “o ‘Mestre dos Orgânicos’ que dá assistência pra nós” (URTIGÃO, 2022), e que

agora tem o técnico da nossa cooperativa ali que é o “Mestre dos Orgânicos”, né? Daí ele vem faz o planejamento de plantio, né? Porque daí nós estamos atendendo vários projetos como o da merenda escolar, né? Daí precisa uma quantidade grande de produção (COUVE-FLOR, 2022)

Podemos observar o papel importante que o senhor Mestre dos Orgânicos tem na dinâmica da produção agroecológica do município de Verê – PR. Como foi apresentado em nossos caminhos metodológicos, o senhor Mestre dos Orgânicos é técnico aposentado do CAPA – Verê. Atualmente atua em diversos papéis fundamentais na COOPERVEREDA, como técnico agrícola da cooperativa e gestor de compras de mudas entre outras funções. Ao ser questionado sobre suas mudas eles respondeu:

Eu compro a semente, a maior parte eu já compro pra cooperativa, e para os associados, porque os associados eles são assim, “ah eu quero uma alface”, mas tem alface de verão, tem alface de inverno, sabe, tem a época certa, então eu faço a compra pra cooperativa, que é para eles também. Mas também quando eu tenho um consumo grande, por exemplo de alface, eu compro um pacote só pra mim, porque eu planto bastante. Mas eu faço alguma coisa de mudas também (MESTRE DOS ORGÂNICOS, 2022).

Podemos ter uma compreensão do papel que a unidade desses agricultores, através da produção orgânica, e do trabalho em conjunto nas entidades e redes, não apenas do Mestre dos Orgânicos, mas de todos os produtores orgânicos, cooperados ou não. É possível observar nesses sujeitos pesquisados, como as cooperativas e as unidades de certificação orgânica são uma forma de resistência aos grandes Impérios Alimentícios e, de certa forma, a todo o sistema vigente, trazendo uma unidade aos pequenos produtores, que através das cooperativas e demais unidades que participam conseguem resistir, não só, mas sim (re)existir, em suas maneiras de existência, em suas individualidades, na permanência no meio rural, na completude de suas identidades (PORTO-GONÇALVES, 2010).

Ao mesmo tempo que resistem através de uma produção e uma rede de alimentos alternativos, que se desvincula do modo de produção convencional. Modo que já vem sendo criticado pelos seus manejos destrutivos do planeta, como expresso anteriormente. Buttel (1995) ressalta ainda mais, que após a década de 1970 a sociedade passou por uma forte crença na ciência e no progresso, e o campo não ficou de fora e se transformou, resultado da Revolução Verde, que é o desenredo da atual agricultura convencional.

Desta forma, podemos compreender o papel fundamental e central das instituições como o CAPA, a rede de agroecologia ECOVIDA que é presente no Sul do Brasil, e a COOPERVEREDA (Cooperativa dos Produtores Orgânicos e Agroecológicos do Sudoeste do Paraná) exercem, auxiliando no desenvolvimento, principalmente, de agricultores familiares e ou camponeses com pequenas áreas de terra. Inicialmente auxiliam na expansão do capital social dos produtores que se associam a elas, posteriormente, com esse capital auxiliam no maior desenvolvimento das demais formas de capital.

As dificuldades que os produtores agroecológicos/orgânicos tiveram em (re)existirem em suas produções e comercialização, e na formação de uma unidade entre eles no município de Verê, desde a antiga Associação dos Produtores Agroecológicos de Verê (APAV), em que o capital social foi fundamental para a formação dessa unidade produtiva sustentável e a (re)existências dos mesmos, como expressa o Mestre dos Orgânicos (2022):

[...] a gente tinha dificuldade de comercializar, a gente ia em casa a casa, vendia um pouco, ia lá no mercado, o mercado explorava, sabe? E aí início de 2000, a gente viu a necessidade de nós se juntar. Vamos formar uma associação, porque naquela época o CAPA praticamente atendia só associações, aquela época era muita associação, tudo que era município na região que o CAPA atendia era uma associação, a associação dos produtores de porco, a associação do pessoal do leite, a associação, sabe? Vamos criar uma associação, porque daí nós em 5, 6 produzindo e amontoando, a gente tem mais força para chegar e receber assistência do CAPA.

Podemos observar um pouco da importância que o CAPA teve e tem para esses produtores no auxílio da produção e nos processos burocráticos para a certificação orgânica. Posteriormente a importância que a unidade produtiva teve para os pesquisados, que através dos seus capitais sociais conseguiram progredir em seus modos de produção sustentáveis.

## 6 DO GLOBAL AO LOCAL

Os agricultores/as agroecológicos do município de Verê – PR analisados além de transpassados por essas estruturas apresentadas da modernidade tardia, também estão imersos na conjuntura da América Latina. Eles também são afetados pelas transformações modernas globalizantes a partir da lógica das antigas metrópoles colonizadoras, que ainda exploram e nos mantém em processos de colonialidades com as antigas colônias.

Stuart Hall (2003) ao discutir a conjuntura da América Latina na atualidade, busca problematizar o termo pós-colonial, apresentando o quão prejudicial é esse termo ao ser utilizado erroneamente. Muitos autores ao falar do período pós-colonial querem demonstrar uma ruptura das relações colônia e metrópole nas independências dos países da América Latina, mas, o que Hall (2003) discorre é que vivemos novo tipos de colonização e novas relações colonizador e colonizado. Com novas nomenclaturas que apresentam níveis iguais de submissão e dependência, que são gerados pela lógica do capitalismo, o qual foi inserido ainda nas antigas relações colônia e metrópole. O pós do pós-colonial não pode ser entendido como ruptura e fim do colonialismo, pois ele não morreu, apenas mudou de forma.

No mais Hall (2003), expressa que o termo pós-colonial apenas faz engrandecer o período colonial, como se fosse o principal fator histórico da América Latina e de outros países subdesenvolvidos colonizados pela chegada da colonização europeia. Como se não houvesse (re)existências e outros fatores intrínsecos aos povos originários, que fizesse suas histórias por eles próprios. Fazendo com que o termo apenas engrandecesse o pensamento positivista do iluminismo, no qual se baseia o pensamento moderno de um progresso civilizatório baseado no contexto europeu. O autor, problematiza o termo pós-colonial e apresenta que ele pode ser usado desde que haja uma profunda reflexão sobre ele, e que o pós seja compreendido como além do colonialismo e não como uma ruptura dele, entendendo o pós-colonial como o colonialismo com novas características.

Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa estão inseridos na lógica das colonialidades, e no seu simples existir e fazer agroecológico, (re)existem, conscientes ou não, em conjunto com a América Latina. Seja na valorização de seus saberes locais e valorização de seu lugar (o lugar com o sentido fenomenológico também), resistindo a lógica que ainda os coloniza, no seu fazer agroecológico, de

cuidar do que realmente importa, das pessoas, do planeta/natureza, dos alimentos e assim da qualidade de vida. Desta forma, indo ao encontro com a perspectiva de Alimonda (2015, p. 167), em pensar o local no mundo ressaltando o cuidado, o autor descreve que devemos,

construir el conocimiento de la Ecología Política latinoamericana recuperando las voces y los saberes silenciados durante demasiado tiempo por los dispositivos del poder político y científico, en muchos casos reactualizando protocolos racistas profundamente arraigados en las significaciones culturales de nuestros países.

Alimonda (2015) discorre sobre a necessidade de superar as ideias de inferioridade e de colônia, de dar valor aos aprendizados e saberes locais, do fazer, do viver, do ser. Seja na retomada do fazer agrícola camponês como na valorização da identidade cultural que se compõem com características específicas em cada lugar, não se deixando apagar pela lógica globalizante, que abordamos anteriormente, com as contribuições de Hall (2020; 2020b).

Vemos o lugar dialogar com o global na produção agroecológica, Altieri (1995) afirma que a agricultura agroecológica é uma forma de produção que leva em conta as condições locais e regionais, valoriza a biodiversidade e promove a justiça social. Ele argumenta que a agricultura agroecológica é uma forma de produção que se concentra na utilização de práticas e tecnologias que minimizam o impacto ambiental e preservam a saúde dos agricultores e dos consumidores. Mas que também a produção agroecológica tem se destacado como uma alternativa a esse modelo convencional de produção, valorizando as práticas locais, a biodiversidade e a justiça social. Além disso, a agricultura agroecológica tem se mostrado uma forma de produção mais resiliente e adaptável a mudanças climáticas e outros desafios ambientais, que refletem na lógica do sistema global.

Altieri (1995), reflete sobre a agricultura agroecológica ter ganhado cada vez mais importância, como uma forma de produção equilibrada, que considera a sustentabilidade, a proteção do meio ambiente e a produção de alimentos de qualidade. Embora a lógica global seja caracterizada por uma intensificação da produção agrícola e uma dependência de tecnologias e insumos externos, a agricultura agroecológica oferece uma alternativa que valoriza práticas locais, biodiversidade e justiça social.

Dona-Flor, ao dizer sobre uma agricultura familiar, na concepção dela, acaba demonstrando alguns desses processos descritos por Altieri (1995), ao mencionar que a agricultura familiar deve ser,

Uma agricultura familiar é onde todo mundo se dedica a cuidar da família, a cuidar do próximo, da saúde, da educação familiar. Porque quando você cresce aqui no campo, que nem essa aqui que tá crescendo aqui “(se referindo a sua neta que estava em seu colo)”, não pode comer veneno, não pode pôr veneno nas plantas, não pode. [...] E na cidade não é tão fácil as coisas, não tinha um lugar pra plantar um pé de alface, e pra comer fica mais fácil, né? Tu sabe o que tu tá comendo, o que tu tá pegando, e mais barato também, né? Diferente do mercado, tudo natural.

No entanto, Martínez-Torres e Rosset (2014), apresentam desafios que a produção agroecológica enfrenta. Seja na pressão por preços mais baixos e a competição com a produção convencional, que podem ser obstáculos para a agricultura agroecológica, especialmente para pequenos agricultores. Além disso, a falta de acesso a recursos financeiros e tecnológicos pode impedir a expansão da agricultura agroecológica. Podemos observar que na atualidade a agroecologia se depara tanto com desafios quanto com oportunidades para a produção.

Os desafios e oportunidades da agroecologia variam de acordo com o contexto. Segundo os autores acima citados, alguns desafios comuns incluem: a falta de reconhecimento, pois a agroecologia ainda é vista como uma abordagem marginal e não reconhecida oficialmente, o que pode impedir o acesso a recursos e oportunidades de mercado. Barreiras financeiras, pois a falta de acesso a financiamentos e incentivos governamentais pode tornar a transição para a agroecologia difícil para agricultores, especialmente pequenos agricultores. Barreiras tecnológicas como a falta de tecnologias apropriadas e acesso à informação técnica. Concorrência desleal com a produção agrícola convencional, que geralmente tem acesso a mais recursos e tecnologias. Todas essas barreiras podem ser desafiadoras para a agroecologia (ALTIERI, 1995; MARTÍNEZ-TORRES; ROSSET 2014).

Como relata seu Milho Crioulo (2022) ao falar sobre o processo de sua produção “a realidade é assim, aqui fisicamente você se desgasta muito, não é uma coisa fácil.”, assim como a Dona-Flor (2022) relata, “é puxado, então, a gente ainda tem os bichos, pra tratar, eu lido na horta, eu que fico carpindo, fico ajeitando e plantando”.

Existem também muitas oportunidades para a agroecologia, como o crescimento do mercado, como mencionado anteriormente em que a demanda por

alimentos produzidos de forma sustentável está crescendo, o que pode proporcionar diversas oportunidades de mercado. A agroecologia tem se mostrado mais resiliente às mudanças climáticas e outros desafios ambientais, que pode torná-la mais atrativa para agricultores em regiões vulneráveis. A agroecologia também pode ser uma forma de promover o desenvolvimento comunitário, ajudando a construir economias locais e a valorizar as práticas culturais locais (ALTIERI, 1995; MARTÍNEZ-TORRES; ROSSET 2014). Nessa concepção temos o relato da Dona-Flor (2022), que falou como a produção orgânica ajuda ela ter um rendimento “Daí eu também queria plantar, pra mim ter um ganho, porque eu não podia trabalhar, eu tinha a função de cuidar da avó, eu não podia sair. [...] E assim daí todo mês entra um dinheiro”

As (re)existências vistas nos sujeitos pesquisados, em seus modos do fazer agroecológico, apontam para um enfrentamento das colonialidades do modelo hegemônico de desenvolvimento rural e de segurança alimentar, (re)existindo em seus modos de produção, em suas individualidades e coletividades, e (re)existindo através dos alimentos que cultivam.

## 7 DO LOCAL AO GLOBAL: O LUGAR DA IDENTIDADE

Nesse item propomos observar o papel do lugar e do território na construção da identificação e identidade cultural dos sujeitos pesquisados, no município de Verê – PR. Um lugar com sua história singular, resultante de uma composição territorial pela luta da posse das terras, a partir do conflito chamado a Revolta dos Posseiros (1957). Muito presente nas trajetórias das famílias que se refletem nos sujeitos pesquisados, em suas histórias e na posse de suas propriedades até os dias atuais.

Como no caso do Senhor das Parreiras, em que a terra em que atualmente produz e vive é herança de seu bisavô, migrante do estado do Rio Grande do Sul que chegou no município ainda no ano de 1944. Ele relata que seu bisavô e seu avô passaram pela Revolta dos Posseiros, e a sua terra seu bisavô não a comprou, obteve através da posse e da luta.

Podemos observar a relação do sujeito com o seu lugar, sua história refletida na história do território/município, e assim sua identificação como sujeito e sua identidade se mesclam com a composição histórica territorial, o que podemos observar através da fala dos entrevistados. O valor fenomenológico que as propriedades dos entrevistados carregam, como vemos na fala do Senhor das Parreiras, apresentando que sua família paterna veio do município de Bento Gonçalves no estado do Rio Grande do Sul para o município de Verê – PR em 1944, tomando posse de sua propriedade na comunidade do Santa'na no município, o que se relaciona-se com a história do Sudoeste do Paraná. Nesse período havia um planejamento do governo de Getúlio Vargas para a migração de gaúchos para a região para preencher um suposto vazio demográfico (FLAVIO, 2011).

Hieda Corona (1999, p. 71) expressa que, Getúlio Vargas criou a Colônia Agrícola Nacional de General Osório (CANGO), com sede em Francisco Beltrão, para fomentar a vinda e ocupação das terras do Sudoeste do Paraná por colonos de origem europeia, migrantes do Sul do País, para que assim pudessem suprir esse chamado “vazio demográfico” que existia na região. Foi uma política pública conhecida como “Marcha para o Oeste” que “destinou recursos públicos para promover a ocupação de áreas ainda ‘livres’, desprezando seus primeiros ocupantes como os índios e caboclos”.

Em 1957 iniciou o conflito na região do Sudoeste do Paraná entre as companhias de terras e os colonos migrantes pela disputa pelo direito da propriedade



privada das terras<sup>17</sup>. Corona (1999) expressa que o governo de Getúlio Vargas em 1930 havia rompido contratos com empresas multinacionais, incorporando seus bens ao Patrimônio Nacional. Um dos principais pontos do conflito foi quando a companhia chamada Clevelândia Industrial e Territorial Ltda (CITLA) comprou o direito das terras do Sudoeste do Paraná de uma empresa norte americana, Brazil Railway, que as “possuía como pagamento pela construção de estradas de ferro, o que correspondia a toda a região do Sudoeste do Paraná - glebas Chopim - 715.080.142 m<sup>2</sup> e Missões - 4.257.100.000 m<sup>2</sup>” (CORONA, 1999, p 72).

O conflito é refletido na história da família do Senhor das Parreiras e entre outros entrevistados. Na entrevista, o Senhor das Parreiras ao falar sobre a sua história de vida, apresentou relatos sobre o que seus antepassados passaram na Revolta dos Posseiros, expressando a participação direta deles. Como relata Corona (1999, p. 72) a Citla através de duas concessionárias a Comercial e Apucarana, que

agiam na região intimidando e pressionando os colonos para assinarem compromisso de compra e venda das terras que ocupavam. Utilizavam de expedientes violentos como saques, espancamentos, mortes e expulsão, utilizando inclusive uma milícia contratada (os jagunços).

Diante desse fato expresso por Corona (1999), o Senhor das Parreiras (2022) relatou o que se passou com seu bisavô,

O meu bisnono estava na lista negra, vamos dizer assim. Ele ficou, não sei quantos dias no mato. Eles moravam aqui onde é a bodega, aqui em cima, na igreja ali. E daí eles vinham com uma lista, né? E o meu nono ficou 30 dias aqui na palmeirinha aqui do lado, perto do rio Santana escondido ali. O pai sempre conta, a nona contava também, que onde ele passou nem cachorro passava, ele só ficou com o colarinho das calças assim. E era aqueles *iampinda*<sup>18</sup>, cheio de espinhos e coisa. Eles queriam pegar ele. Aí chegavam lá com aquelas winchester, com espada na ponta e iam cutucando os montes de arroz pra ir procurando. Na época daí ele ficou escondido, né? Aí depois teve a batalha e eles prenderam os jagunços, que ficaram uns 5, 6 dias presos ali. Daí depois mataram um boi e trataram eles [...] prenderam aqui na bodega. Tinha um barraco lá e prenderam os caras ali, aí foram pro Verê que estourou mesmo o tiroteio e coisa ali. Daí foram pra Beltrão, né? Se juntar tudo lá.

Tais fatos expressam as diferentes formas de (re)existências que os sujeitos do Sudoeste do Paraná empregaram, diante de uma opressão de um grupo hegemônico. Mais um ponto que se mostra na composição de uma identificação ou identidade em comum. Vale ressaltar o que foi expresso anteriormente por Hall

<sup>17</sup> Nesse período o modo de vida dos caboclos da região já foi se modificando para a noção de propriedade privada dos migrantes europeus do Sul do país. (FLAVIO, 2011; ZATTA 2016).

<sup>18</sup> Nome popular de uma planta conhecida no Sudoeste do Paraná, planta na qual contém muitos espinhos, e é como um cipó.

(2020), em que o autor expressa que vários sujeitos diferentes podem criar uma identidade em comum em suas resistências a um grupo hegemônico. Do mesmo modo, o Mestre dos Orgânicos (2022) apresenta um relato que ouviu de seu pai durante os processos que antecederam a revolta, em que disse

Meu pai participou da revolta, mas ele ficou meio escondido no mato, pelo que a gente ouviu eles falarem. Porque era muito difícil aquela época lá, era bem triste. Mas eu não lembro porque não é do meu tempo, mas a gente ouve o pai falar. Eles tinham que de noite se esconder, dormir no mato de medo.

Podemos assim, partir para uma compreensão de uma unidade dos produtores agroecológicos pesquisados, (mesmo diante do pluralismo desses sujeitos) através de uma identificação de (re)existência nas histórias de suas famílias, na luta deles pela posse da terra, contra a hegemonia de uma grande empresa – a CITLA, através de duas concessionárias.

Mediante o relato do Senhor das Parreiras e do Mestre dos Orgânicos, e com o apoio na literatura sobre o tema, podemos refletir sobre o conflito que ficou conhecido como a Revolta dos Posseiros, de 1957, e refletir suas consequências na história e na composição identitária dos sujeitos.

A revolta se deu quando os posseiros se organizaram para resistir, pegaram em armas, organizaram emboscadas e investidas também violentas, o que resultou na revolta. Em meio a revolta, o exército se instalou no município de Francisco Beltrão para buscar amenizar esse conflito, ao final, os posseiros saíram vitoriosos. O governo de João Goulart cria a GETSOP<sup>19</sup> (Grupo Executivo Para as Terras do Sudoeste do Paraná) em 1962, para expedir as escrituras definitivas das terras aos posseiros, o que ocorreu em praticamente todo o Sudoeste do Paraná de 1962 a 1972 (CORONA, 1999; FLAVIO, 2011; ZATTA 2016). Resultando em pequenas propriedades familiares. Que é observável também na história familiar do Senhor das Parreiras (2022), ao ser questionado sobre a posse da terra e os processos feitos pela GETSOP, ele responde

Aqui eles não pagaram pela terra. A comunidade aqui do Santana era tudo do meu bisnono, tipo assim, 200, 300 alqueira aqui. A Primeira casa aqui da comunidade acho que foi pra aquele lado lá, que era do meu bisavô. E daí ele foi vendendo pros outros, né? para arrumar mais...Vizinhaça. [...] meu avô herdou do bisavô, porque assim eles vieram bastante irmãos, né? Eram 10, 12. Daí tipo assim, foram dividindo, 20 alqueira pra um, 20 pra outro, foram se dividindo, né? Daí o nono aqui ficou com 20 alqueire. Então, tipo assim, os

---

<sup>19</sup> Grupo de Execução para as Terras do Sudoeste Paranaense, atual INCRA no município de Francisco Beltrão

homens ganhavam 20, 25 alqueires e as mulheres ganhavam um pouco menos, mas ganhavam, tipo assim, né?

Deste modo, pode-se observar algumas características singulares na configuração territorial do Sudoeste do Paraná, e assim do município de Verê – PR. Configurando-se em pequenas propriedades<sup>20</sup>, em que os sujeitos do tempo histórico da revolta de 1957, se organizaram e (re)existiram, ao projeto moderno da companhia Clevelândia Industrial e Territorial Ltda (CITLA), que buscava implantar uma indústria de celulose no Sudoeste do Paraná (PEGORARO, 2008).

Dentro da perspectiva histórica da região Sudoeste do Paraná, após a Revolta dos Posteiros, temos o “processo de modernização da agricultura no sudoeste do Paraná” (SANTOS, 2008). Roseli Alves dos Santos (2008), aborda esse período de modernização da agricultura no sudoeste do Paraná, mostrando as transformações na região entre os anos de 1960 e 2006 e os resultados que a modernização da agricultura trouxera para a região. A autora argumenta que, esse processo de modernização foi e tem sido impulsionado por uma série de fatores, através de uma política de desenvolvimento do governo brasileiro, e uma lógica de modernizar o campo em busca de um desenvolvimento econômico, com novas tecnologias, e insumos modernos na necessidade de aumentar a produtividade e a competitividade, em busca de superavit no campo.

Santos (2008) apresenta que essa modernização afetou a dinâmica social e econômica da região em um ritmo próprio, e afetou de diversas formas os agricultores e a população local. Mudanças tais, foram observáveis nas relações políticas, culturais, econômicas e ambientais, e nas relações de poder do Sudoeste do Paraná. Nesse processo formando diversas diferenças no estágio de modernização no território do Sudoeste do Paraná, em lugares uma inserção mais rápida e outros mais lenta nesses processos de transformação moderna, gerando concentração fundiária e problemas ambientais e até mesmos exclusões social e econômica.

Temos os sujeitos da pesquisa atravessados por esses contextos históricos, de revolta e modernizações, tanto a história deles quanto a história do território e do lugar construído que eles fazem parte. Desta forma, podemos iniciar uma compreensão da significação que o lugar tem para os sujeitos da pesquisa, de maneira geográfica e fenomenológica, um lugar que carrega a história dos sujeitos pesquisados e um lugar

---

<sup>20</sup> Mas que hoje já tem sido alterada pelos processos de concentração de terras em diversos municípios do Sudoeste do Paraná.

que carrega a história por si. Ao se pensar no grupo dos produtores agroecológicos pesquisados, as 9 propriedades visitadas, nenhuma passa de 80 hectares de terra, e esses sujeitos veem (re)existindo em seus lugares de diferentes formas, seja na permanência no campo através da terra herdada de seus ancestrais através da luta. Nas maneiras de seus fazeres agrícolas refletido nas suas identificações em comum com a agroecologia e em características singulares de suas identidades culturais, maneira quais (re)existem em meio a transformações e repressão modernas.

Mais do que perceber a significação do lugar para eles, é importante refletirmos sobre qual é o papel deles na construção desse lugar, sendo também a agroecologia de Verê – PR, um lugar tanto físico quanto mental/fenomenológico na sua significação. Diante desses processos, Alimonda (2015), Porto-Gonçalves (2010) e Hall (2003, 2020, 2020b) discorrem sobre o fato de (re)existir, não apenas resistir a essa lógica globalizante e de colonização que os oprime há séculos. Que expulsou os sujeitos de seus locais no meio rural para inserir a lógica do capital e do global, mas sim em (re)existir reconhecendo e valorizando o seu lugar, os saberes de seu povo, sua real identidade. A qual revela os modos de existências que compõe a vida dos sujeitos que, no caso em estudo, são os/as agricultores/as agroecológicos do município de Verê - PR.

O lugar é ressaltado na fala de todos esses agricultores entrevistados com um imenso valor histórico que o espaço carrega. No cuidado do cultivo, com propriedade e a natureza ali presente, bem como com as pessoas, no fazer agroecológico desses agricultores. Fazendo com que transformem todo o espaço em um lugar, carregado de valores, memórias e afetos para eles.

Isso pode ser observado pelo simples fato que a maioria reside na propriedade desde que nasceu, como no caso do seu Luterano (2022), quando questionado onde nasceu “nasci aqui em Verê”. Como no caso do Senhor das Parreiras (2022) que relatamos, que a terra é de herança ainda de seu bisavô e que ele e seus pais residem ainda no mesmo lugar. E como seu Pipoca Crioula (2022), que relata:

nós somos natural daqui [...] o pai quando eles vieram pra cá compraram a propriedade até lá embaixo, daí deu quase 10 alqueires para cada filho mais velho, daí nós herdamos dele, e daí saí trabalhar fora umas quantas vezes, mas sempre voltei viu.

Como a maioria dos entrevistados expressaram, a propriedade deles é herança de seus pais, avós e bisavós, que cresceram ali, aprenderam o fazer agricultura ali.

Suas experiências, onde exteriorizam sua interioridade e interiorizaram a exterioridade nas suas diferentes etapas da vida. O lugar se torna parte deles, sua identidade, e eles se tornam o lugar, na transformação dele expressando suas concepções de vida, sua cultura e sua identidade.

Esse lugar pesquisado se torna uma rede entre diversos atores que compõem as dinâmicas socioambientais da agroecologia no município de Verê – PR. Um lugar do fazer agroecológico no município, em que a identificação com as ciências do cuidado - a agroecologia - traz uma unidade entre eles. Seja através da cooperativa que todos os entrevistados participam<sup>21</sup>, da certificação orgânica pela rede Ecovida, mas, principalmente do fazer agroecológico. É nessa perspectiva de conexão com o lugar e a natureza, que famílias agricultoras que abraçaram a agroecologia, ajudam a desenhar.

Leff (2022) descreve esse processo como ecologia política, visto que tais populações engajam-se em movimentos sociais com objetivo do reconhecimento de seus patrimônios bioculturais. O autor fala da relevância destes movimentos que se sustentam a partir dos valores de uma racionalidade ambiental que induz questionamentos de que “habitam a Terra, seu enraizamento em seus territórios de vida, a vitalidade de seus imaginários ambientais, seu potencial para tornarem-se os atores sociais da construção de um mundo sustentável” (LEFF, 2022, p.30).

O autor, ainda apresenta a agroecologia “como um novo paradigma produtivo, como uma constelação de ciências, técnicas e práticas para uma produção ecologicamente sustentável, no campo”. Além de sugerir “alternativas sustentáveis em substituição às práticas predadoras da agricultura capitalista e à violência com que a terra foi forçada a dar seus frutos”, sendo um convite à construção de um novo território de pensamento crítico e ação política (LEFF, 2002, p. 36, 37; LEFF, 2003).

É um despertar para essencialidade de cuidar da terra como instrumento e alma da produção, em que se cultiva novas sementes do saber e do conhecimento. Para Leff (2002, p. 38), seio onde desdobra-se “o saber no ser e na terra; é o caldeirão onde se amalgamam saberes e conhecimentos, ciências, tecnologias e práticas, artes e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo”, o autor compreende a agroecologia como um dos principais expoentes para um desenvolvimento sustentável.

---

<sup>21</sup> A COOPERVEREDA.

Nesse mesmo sentido de desenvolvimento sustentável Caporal (2011, p. 50) apresenta que, a “agroecologia é uma ciência para o futuro sustentável”. Se apresentando como um novo paradigma de agricultura que deverá ser a substituta da agricultura industrial. Trazendo maior dignidade para o desenvolvimento agrícola, tornando o todo da agricultura muito mais sustentável e digno para o planeta e para as pessoas. Além de epistemologicamente romper com as concepções cartesianas rígidas da agricultura convencional industrial, trazendo maior dignidade também para o pensamento.

É nesse contexto que Escobar (2005) explana que a ecologia política pode ser um lugar de esperança para reintroduzir uma dimensão baseada no lugar, especialmente, nos debates sobre a globalização, articulando a defesa do lugar. Uma vez que o conhecimento do lugar, estimula processos que desencadeiam a ecologia e o pós-desenvolvimento, estes podem ser considerados promotores de desenvolvimento sustentável. O autor enfatiza:

A ecologia transforma-se em um vínculo entre o conhecimento e a experiência (a ecologia como a ciência da experiência transformativa, baseada no reconhecimento da continuidade da mente, do corpo e do mundo), e isto, por sua vez, tem consequências na maneira como estabelecemos os vínculos entre a natureza e a experiência (ESCOBAR, 2005, p. 74).

Cabe aqui, também, fortalecer a compreensão de Escobar (2005) sobre a necessidade de noção do valor do território sobre o desenvolvimento sustentável, pois, representa uma relação entre lugar, cultura e natureza, com grande participação no fortalecimento da biodiversidade (quem tem papel funcional no equilíbrio do meio ambiente). É essencial a noção de que a teoria corretiva que neutralize a minimização da grande importância ao “global”, para que assim, sejam mais centralizadas as estratégias de desenvolvimento para o local (ESCOBAR, 2005). Há uma relação densa entre cultura, sustentabilidade e território, pois os atores sociais exercem seu poder para frear o processo de degradação ambiental (LEFF, 2009).

A ecologia política criada por estes movimentos sociais é portadora de uma defesa da identidade, do lugar e da região que não dá por estáticos nem o lugar nem a identidade, mesmo se estiver formulada como a defesa destes. Uma construção coletiva da identidade é, logicamente, crucial neste aspecto (ESCOBAR, 2005, p.78).

Em resumo, os autores alinhavam suas ideias de uma forma propositiva acerca da ecologia política e a necessidade do reconhecimento dos atores sociais que residem e representam tais ambientes. É nesse viés que podemos dar voz a estes

agentes do desenvolvimento em bases sustentáveis do município do Verê – PR. Assim compreender um pouco melhor a identificação dos sujeitos pesquisados com a Agroecologia, entre outras identificações no meio rural que os englobam, podendo fazer um alicerce para a compreensão de suas identidades culturais e (re)existências.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Stuart Hall (2020) argumenta que as identidades culturais são construídas através de processos de negociação e resistência, onde a interação entre diferentes culturas e perspectivas resultam na formação de novas identidades. Expandido, essa reflexão aos agricultores agroecológicos de Verê, pode ser aferido que a é construída por meio de uma negociação da sua relação com a natureza e adesão as práticas agrícolas sustentáveis, bem como a resistência aos padrões dominantes oriundos da agricultura convencional. Nesse caso, a identidade também pode ser influenciada pela relação com o mercado, sociedade, Estado, participação nos movimentos sociais e grupos de agricultores agroecológicos.

Nesse sentido, a construção de identidades culturais também estaria relacionada a história, tradições e valores das comunidades e dos indivíduos. No que se refere aos agricultores agroecológicos no Brasil, sua identidade é influenciada por uma herança cultural e a relação com o meio ambiente, podendo ser fortalecida através da participação em redes agroecológicas, em eventos e atividades culturais relacionados a temática

As identidades culturais não são coisas fixas, mas sim construções dinâmicas e contínuas, que mudam com o tempo e com a interação com outras culturas. Portanto, a construção da identidade dos agricultores agroecológicos no Brasil é um processo contínuo de negociação e resistência, onde estabelecem sua posição em relação a outros grupos e ao contexto social, político e cultural (HALL, 2020).

A transformação das identidades culturais é um processo complexo e multifacetado, que envolve a mudança de crenças, valores e comportamentos (HALL, 2020; 2020b). No contexto da agricultura, a transição da identidade de um sujeito de uma comunidade tradicional agrícola (agricultura convencional) para uma identidade de uma agricultura agroecológica pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo a conscientização ambiental e a necessidade de práticas mais sustentáveis.

Nesse contexto, o trabalho realizado por instituições é de suma importância. O Centro de Apoio e Promoção a Agroecologia desempenha um papel importante na transformação dessas identidades culturais, através de treinamentos, educação e suporte técnico, construindo assim capacidades e conhecimentos. Além disso, o CAPA fomenta a colaboração e construção de redes entre os agricultores



agroecológicos, reforçando uma nova identidade coletiva, essa como defensores de uma agricultura sustentável.

Esse trabalho é possível verificar no município de Verê, pois o CAPA tem atuado no fortalecimento da agricultura sustentável, exemplificando, a formação da APAV-COOPERVEREDA e da assistência aos produtores entrevistados nessa pesquisa. Ademais, além do CAPA, a Cooperativa COOPERVEREDA presta auxílio na rede orgânica do município, sendo considerado um ponto de identificação pelos agricultores agroecológicos. Nessas identificações, percebemos o início de uma nova identidade cultural, que inicia aportada nas bases da agroecologia, produção orgânica e da sustentabilidade.

Dentro dessa formação unitária, do fazer agroecológico e das instituições atuantes, é constatado o processo da Teoria da Identidade Cultural defendida por Hall, no qual encontra-se definida como um processo dinâmico e em constante mudança, resultado de uma negociação contínua entre as influências externas e as representações internas, sendo construído e reconstruído ao longo do tempo. Dessa forma, não é possível concluir que os nove entrevistados se encontram no mesmo estágio de sustentabilidade e/ou comprometimento com a agroecologia. É sim admissível que estão em processos de construção de identificações, nas diferentes motivações e influências.

A mudança para uma agricultura agroecológica pode significar um desafio para as gerações mais antigas de agricultores, tendo em vista todo o processo de mudança de paradigmas produtivos oriundo da Revolução Verde e modernização da agricultura, culminando na chamada agricultura convencional. O processo de transformação pode acontecer, sendo superado os obstáculos e com a promoção de oportunidades e experimentação de uma agricultura com base sustentável.

Nesse mesmo sentido, um dos principais aspectos também observado na pesquisa e um dos nossos objetivos específicos, foi o da relação entre os agricultores analisados e a natureza em suas práticas agroecológicas. Os 9 agricultores pesquisados adotam a técnica de rotação de culturas, a adubação orgânica e o uso de cobertura vegetal para melhorar a qualidade do solo. Práticas que aumentam o teor de matéria orgânica, promovem a biodiversidade microbiana e melhoram a estrutura do solo, garantindo a sua fertilidade a longo prazo.

Pudemos compreender que a agroecologia visa valorizar a biodiversidade como um recurso essencial para o equilíbrio dos ecossistemas agrícolas. E

observamos isso nos agricultores entrevistados, pois eles buscam preservar e promover a diversidade de plantas, animais e insetos benéficos. Essa diversidade favorece a polinização, o controle natural de pragas e doenças, além de contribuir para a (re)existência de seus sistemas agrícolas frente às mudanças ambientais.

A maioria dos agricultores agroecológicos pesquisados apresentaram uma relação consciente e responsável com os recursos naturais. Eles utilizam práticas de conservação da água, como a captação de chuva e o uso de sistemas de irrigação eficientes. Além disso, a utilização de insumos orgânicos e o manejo integrado de pragas fez com que reduzissem a dependência de insumos do mercado (mesmo os liberados para a produção orgânica), preservando a qualidade ambiental e tendo menor dependência do mercado.

A prática agroecológica promoveu e promove uma (re)existência do sistema agrícola desses agricultores frente a diversas condições adversas. A diversificação de culturas e a adoção de técnicas que melhoram a saúde do solo tornam os sistemas mais robustos e menos suscetíveis a pragas, doenças e mudanças climáticas. Foi observado que esses agricultores agroecológicos desenvolvem conhecimentos e habilidades de forma única para lidar com os desafios naturais, de maneira empírica, utilizando estratégias adaptativas que buscassem diminuir os impactos negativos de uma forma natural agroecológica. Esses aspectos foram expressos nas falas dos agricultores, principalmente na fala do Mestre dos Orgânicos em sua na experiência de mais de 20 anos na produção orgânica e agroecológica, na sua forma individual do fazer agrícola e no contexto do município através do trabalho que desempenhou no CAPA e que desempenha na COOPERVEREDA.

Diante de todo contexto do fazer agroecológico dos sujeitos pesquisados, tivemos também uma compreensão das relações entre os sujeitos que compõem a unidade familiar no fazer/saber agroecológico, partindo do entendimento que as pessoas tendem a se identificar com grupos que lhes conferem uma imagem positiva de si mesmas, adotando valores, normas e práticas desses grupos como parte de sua identidade. No contexto agroecológico, isso pode significar que os membros da unidade familiar que se identificam como agricultores ou defensores da agroecologia tendem a compartilhar os valores, normas e práticas relacionados à sustentabilidade ambiental, justiça social, diversidade cultural e participação democrática.

As pessoas se identificam com grupos culturais que lhes conferem um sentido de pertencimento e de continuidade histórica, influenciando suas crenças, valores,

costumes e práticas. No contexto agroecológico, isso pode significar que família se identifique com a cultura rural ou com as tradições camponesas, valorizando as práticas agrícolas ecológicas, a agrobiodiversidade e o trabalho coletivo e solidário.

Tratando ainda do âmbito familiar, a flexibilidade e a dinamicidade da identidade dos indivíduos, pode se deslocar entre diferentes identidades, contextos e momentos da vida. Assim, as pessoas não possuem uma identidade fixa e estável, mas sim uma identidade construída a partir de diálogos. No contexto agroecológico, isso pode significar que os membros da unidade familiar podem se identificar tanto como agricultores quanto como consumidores, como defensores da agroecologia quanto como críticos do sistema agroalimentar convencional. Essas identidades podem mudar em função de suas experiências, relações sociais e trajetórias de vida.

Entretanto, essas motivações podem surgir de contexto externos a identificação, que vão além da questão ambiental ou da crítica ao modelo agroalimentar convencional, podem surgir a partir do elemento econômico. Essas motivações econômicas estão relacionadas a realidade das propriedades estudadas, pois em algumas esse fator aparece como essencial, ficando os demais elementos em um segundo plano. Uma hipótese a ser defendida é que ao proporcionar um maior contato e participação com cursos, palestras, ações e projetos agroecológicos, também se propicia uma maior aderência a sustentabilidade.

Outro dado interessante a se destacar é a questão geracional e sua importância na formação da família e seus princípios. Afinal, quando os pais e avós eram inclinados a uma concepção de produção sustentável impactava diretamente nos filhos e netos, sendo esses mais reflexivos e conscientes da necessidade de uma agricultura sustentável. Ademais, percebemos que os sujeitos trazem características de uma menor inserção a lógica moderna da agricultura, ou seja, da agricultura convencional (monocultura, transgênica, etc), e que não passaram pelo processo de produzir convencional, apresentaram maiores identificações com a agroecologia.

Compreendemos através dessa pesquisa que uma unidade se construiu em Verê, inicialmente através de identificações com uma agricultura sustentável pela produção orgânica e pelas dinâmicas agroecológicas. Como também na (re)existência desse modo do fazer agrícola, pois seja na manutenção dos costumes e no enfrentamento da atual realidade, que vai contra os modos sustentáveis de produção e comercialização, ou na simples existência desses sujeitos, que por existirem com suas culturas expressas em seus modos de produzir e nas relações outro-natureza

(re)existem, independente das motivações e das singularidades que os fazem terem identificações com a agroecologia.

Destarte, tendo em vista que a presente pesquisa não esgotou toda a complexidade que envolve os processos agroecológicos e a formação de identidades e tomadas de decisão acerca da mudança no modo produtivo e de vida, observamos a necessidade da continuidade de pesquisas futuras em relação ao tema da construção de uma unidade identitária dos produtores agroecológicos e orgânicos do município de Verê, tendo em vista sua presença expressiva nesse município.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. É necessário cobrar resultados de assentados: pesquisador defende lógica empreendedora da agricultura familiar para os assentados. **O Estado de São Paulo**, 21 dez. 2003. Nacional, p. 7. Entrevista.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

ALIMONDA, Héctor. La colonialidad de la naturaleza. **Una aproximación a la Ecología Política**, 2011.

ALIMONDA, Héctor. Ecologia política latino-americana e pensamento crítico: As vanguardas enraizadas. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 35, 2015.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário antropológico**, v. 20, n. 1, p. 161-189, 1996.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a Ciência da Agricultura Sustentável**. Imprensa de Westview, Londres, 1995.

ALTIERI, Miguel A. **AGROECOLOGIA: Bases científicas para una agricultura sustentable**. Nordan Comunidad, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Zahar, 1999.

BECK, ULRICH. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; SCOTT, L. (Orgs.). **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP. 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Papirus Editora, 2019.

BRANDENBURG, Alfio. **Ecologização da agricultura familiar e ruralidade. Agricultura familiar brasileira: Desafios e perspectivas de futuro. Organizadores: Guilherme Costa Delgado**, 2017.

BRASIL. **Agricultura Familiar**, agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/agricultura-familiar/agricultura-familiar-1>> Acesso: 22 de maio de 2021.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. **Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**. Brasília: Presidência da República, 2006.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Orgânicos: Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/ptbr/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>. Acesso em: 10 maio. 2021.

BRISKIEVICZ, Michele et al. Territorialidade e identidade: a migração dos descendentes de italianos no município de Francisco Beltrão-Paraná. 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BUTTEL, Frederick H. Transiciones agroecológicas en el siglo XX: análisis preliminar. **Agricultura y sociedad**, n. 74, p. 9-38, 1995.

CAPA: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor. Nossa história, disponível em: <<http://www.capa.org.br>>, acesso em 28 de abril de 2021.

CAPORAL, Francisco Roberto et al. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** Brasília, 2009.

CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edisio Oliveira de. **Princípios e perspectivas da agroecologia.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná-Educação à Distância, 2011.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Análise multidimensional da sustentabilidade. **Agroecología e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 3, p. 70-85, 2002.

COOPERVEREDA. Cooperativa Dos Produtores Orgânicos E Agroecológicos Do Sudoeste Do Paraná. 2022.

CORONA, Hieda Maria Pagliosa. A Resistência Inovadora: A Pluriatividade no Sudoeste Paranaense, Pr. 1999. Dissertação. (Programa de Pós Graduação em Sociologia). UFPR. Curitiba. 1999.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; RAMOS, Lucineia Maria. CRESCIMENTO POPULACIONAL NO SUDOESTE DO PARANÁ (1991-2016): UMA ANÁLISE A PARTIR DE DADOS DO IBGE. **Terr@ Plural**, v. 13, n. 1, p. 42-57, 2019.

DE CASTRO FILHO, Josué. **Meninos efeminados em escolas religiosas: Do combate ao bullying à legitimação da violência de gênero.** *Diversa.*, v. 12, n. 2, p. 119-132, 2020.

DE OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães. (ENTRE) LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in) formação na/da abordagem (Auto) biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014.

EMBRAPA. **Módulos Fiscais.** Disponível em: <<https://www.embrapa.br/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl/modulo-fiscal>> Acesso em: 26 de mai. de 2021.

FLAVIO, Luiz Carlos. Memória (s) e território: elementos para o entendimento da constituição de Francisco Beltrão-PR. 2011.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** Companhia Editora Nacional, 2003.

GABOARDI, Shaiane Carla; CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; RAMOS, Lucinéia Maria. Perfil do uso de agrotóxicos no sudoeste do Paraná (2011–2016)/Profile of pesticides use in the southwest of Paraná (2011-2016). **Revista Nera**, n. 46, p. 13-40, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GHIZELINI, André Michelato; ARAGUÃO, Lucas. Campesinato e Agricultura Familiar: divergências e convergências para o reconhecimento e fortalecimento da agricultura de base familiar. **Revista Sinais**, v. 1, n. 23, 2019.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. unesp, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOI, E., MENEZES, M. A. D., MARIN, R. **Diversidade do campesinato Expressões e categorias**. 2009.

HALL, Stuart. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Cap. 3. Quem precisa da identidade?**. 15° Edição, Vozes.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12° Edição, Lamparina, 2020.

IBGE, **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/vere/pesquisa/24/76693?ano=2006>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. [Rio de Janeiro, 2018]. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

IBGE. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/vere/panorama>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. 3ª edição. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

KUMMER, Rodrigo et al. **Juventude rural, entre ficar e partir: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de Cerro Azul, Palma Sola/SC**. 2013.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Editora Vozes, 2009.

LEFF, Enrique. La ecología política en América Latina. Un campo en construcción. **Polis. Revista Latinoamericana**, n. 5, 2003.

LEFF, Enrique. **Ecologia Política: Da desconstrução do capital à territorialização da vida**. SciELO-Editora da Unicamp, 2021.

LÊNIN, Vladimir I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria**. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985 (1899).

MARTÍNEZ-TORRES, María Elena; ROSSET, Peter M. Diálogo de saberes in La Vía Campesina: food sovereignty and agroecology. **Journal of Peasant Studies**, v. 41, n. 6, p. 979-997, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Gustavo De Lt. Prescrições agroecológicas para a crise atual. **REVISTA NERA**, n. 16, p. 33-47, 2012.

OTA – ORGANIC TRADE ASSOCIACION. **International Trade Data Reports**. Disponível em: <https://www.ota.com/tradedata>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PEGORARO, Éverly. **Dizeres em confronto** (A Revolta dos Posseiros de 1957 na imprensa paranaense). 2008.

PEREZ-CASSARINO, Julian. **a Construção social de mecanismos alternativos de mercados no âmbito da rede Ecovida de agroecologia**. 2012.

PLOEG, J. D. V. D. **Camponeses e Impérios Alimentares Lutas por Autonomia e Sustentabilidade na Era da Globalização**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

PLOEG, J. D. V. D. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. sn, 2009. p. 17-32.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano**. GEOgraphia, v. 8, n. 16, 4 fev. 2010. p. 41-55.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**; tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abreu: 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.



SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Roseli Alves dos. O processo de modernização da agricultura no Sudoeste do Paraná. 2008.

SCHNEIDER, S.; ESCHER, F. **A contribuição de Karl Polanyi para a sociologia do desenvolvimento rural**. In: **Sociologias**. Porto Alegre, ano 13, n.27. mai-ago. 2011, p.180-219.

SEYFERTH, Giralda. Campesinato e o Estado no Brasil. **Mana**, v. 17, n. 2, p. 395-417, 2011.

SILVA JÚNIOR, Gladstone Leonel da; DE SOUZA, Roberto Martins. **As Comunidades Tradicionais e a Luta por direitos étnicos e coletivos no Sul do Brasil**. Revista da Faculdade de Direito da UFG, v. 33, n. 2, p. 128/142-128/142, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer; EICHEMBERG, Rosaura. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. Ponto Urbe. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 11, 2012.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização**. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1985.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. Estudos sociedade e agricultura, v. 21, n. Oct, p. 42-61, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. In: PETERSEN, Paulo (org.) **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**. 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**, in: TEDESCO João Carlos (org.) **Agricultura Familiar realidades e perspectivas**. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

ZATTA, Ronaldo. A colonização oficial do sudoeste paranaense e mito do “vazio demográfico”. **ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA**, v. 15, 2016.

## ANEXO A - roteiro de entrevistas com os produtores agroecológicos

### Identificação

Data da entrevista \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

Nome do responsável pelo estabelecimento:

Idade:

Escolaridade:

### Composição da família

1) Membros/nome	2) Grau de parentesco	3) Idade	4) Escolaridade	5) Residência	6) Ocupação atual	7) Horas trabalho/ dia atividades produtivas
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						

### Histórico pessoal da família e a relação com a agroecologia

Como é a participação de cada integrante da família na produção?

Qual sua origem, nasceu em Verê? Qual sua descendência?

Qual seu lazer e da sua família?

Como era e é hoje em dia suas relações com a natureza no seu processo de produção? (água, flora, fauna e solo)

Como você/vocês se identificam quando perguntados o que fazem? Suas profissões?  
O que é ser agroecológico para o senhor/a? se identifica com essa descrição? Em que sentido?

O que levou a sua vinda para a certificação orgânica?

O que você entende por ser um agricultor familiar e um camponês? Você se enxerga em algum desses conceitos? Por quê?

Você tem acesso a informações/notícias, como?

Participam de alguma religião? Qual?

### **Conhecimentos, técnicas e produção**

Você ou alguém da sua família fez cursos sobre produção agroecológica e orgânica?

Você recebe assistência técnica?

Quais os produtos você produz? Como cultiva eles? Que técnica e tecnologia usam?

Cria animais? Quais?

Você compartilha seus conhecimentos (agroecológicos) com outras agricultoras/es?

Você já teve problema com contaminação de transgênicos?

Qual sua relação com as sementes? Você as guarda? Você tem alguma semente especial?

Você produz também para o consumo próprio? O quê?

### **Renda e Comercialização**

Quais os canais de sua comercialização?

Você comercializa ovos e mel que é da sua produção?

Você participaria de alguma feira na região para poder comercializar sua produção?

### **Questões sociais**

Participa de alguma cooperativa, associação e sindicato? Quais? E qual o papel dessas instituições na sua produção?

Na sua comunidade próximo de você, há outros/as produtores agroecológicos?

Já participou de alguma festa das sementes e jornada da agroecologia? E como foi a sua participação? Partilhou sementes?

Como você consegue as sementes e as mudas na sua produção? Você já ouviu falar sobre a Rede de Sementes da Agroecologia (RESA)?

Qual é o papel que você diria que as organizações presentes no município têm no seu trabalho agroecológico?

**Existe mais algum ponto que você gostaria de mencionar para a pesquisa?**

## **ANEXO B – Roteiro de entrevista com dirigentes das instituições**

Qual seu papel na instituição?

Em que ano você se ligou a instituição?

Como é a sua relação pessoal com a agroecologia?

Para você o que um produtor precisa contemplar para ser agroecológico?

Qual o trabalho da instituição em prol das questões agroecológicas?

Quantos produtores do município de Verê – PR a instituição atende, e quantos segundo a instituição são totalmente agroecológicos?

Qual a maior dificuldade que você percebe em lidar com questões agroecológicas?

**Existe algum ponto que não foi falado que você gostaria de expressar para a pesquisa?**